novas da galiza

número 152
Janeiro 2017
3 euros

acontece
Arelas: “Nom respeitar as menores trans é violência” 6

os pés na terra
Lousame e os vertedoiros ocultos de Sogama 16

economia
CETA: O jogo ainda nom rematou 14

8 a 11

adriana p. villanueva

Redes sociais: muro ou janela?

Disponibilidade 24 horas do dia, comunicaçom instantánea com pessoas a centos de quilómetros de distáncia: as possibilidades comunicativas de internet repercutem nas formas de se relacionar e na construçom cultural da imagem dos corpos das pessoas.

A TERRA TREME / **20-22**

“A minha ideia da independência está ligada à justiça social”

Anna Gabriel, deputada no Parlamento da Catalunha pola CUP, reflexiona sobre os reptos atuais da esquerda independentista catalana, num momento em que a sua formaçom é umha força decisória para o desenvolvimento do processo constituinte no Principat. Para Gabriel, este processo significa “pôr a debate todas as regras vigentes até o de agora” e afirma que deve situar o feminismo “como eixo transversal de todas as políticas”.

CONSELHO DE REDACÇOM/
Aarón L. Rivas, Ana Viqueira, Charo Lopes, Maria Rodinho, Raul Rios, Rubén Melide, Xian Naia S.

ECONOMIA/ Raul Rios
OS PES NA TERRA/ Aarón L. Rivas
CORPOS/ Ana Viqueira
O BOM VIVER/ Rubén Melide

CORRECÇOM LINGÜÍSTICA/
Xian Naia S., Fernando V. Corredoira, Mário Herrero, Vichu Garcia Torea
MAQUETAÇOM/
Novas da Galiza
COORDENAÇOM DE IMAGEM/
Charo Lopes
ADMINISTRAÇOM/
Miguel Valcarcel

COLABORAM NESTE NÚMERO/
Adriana P. Villanueva, Borxa Colmenero, María Rosendo, Paulo Painceiras, Carla Trindade, a.p., Zélia Garcia, Maria Álvares Rei, Ángel García , Xabier Moure, Ismael Saborido, Daniel Vázquez, Xabier Sánches Pazos, Xavier Vieiro, Sino Seco, Beto, Silvia Mella, Mauricio Delito

FECHO DE EDIÇOM/ 17/01/2017

EDITA/
Asociaçom Cultural Minho Media

Os conteúdos deste jornal som de livre reproduçom, sempre que se citar procedência e se respeitar a opçom normativa

DEPÓSITO LEGAL / C-1250-02

EDITORIAL / Tecnocomunidade?

Há uns cinco séculos, quando Gutenberg ideou a imprensa de tipos móveis, as primeiras obras que se distribuíram com esta inovaçom tecnológica foram livros religiosos. Porém, hoje é indiscutível (o ensino estatal constata-o durante a infância) a importância daquele invento na propagaçom das ideias de transformaçom social e o seu potencial para a toma de consciência e ativaçom das classes populares.

Quando a tecnologia nom foi utilizada com umha finalidade de transformaçom social ficou na repetiçom de símbolos e comportamentos aceites polo sistema hegemónico. Na cultura do audiovisual e da imediatez, própria do lugar e do tempo que habitamos, a parte mais propagandista da utilizaçom política das tecnologias, o que se está a denominar como ciberativismo, é a mais visível e, portanto, a mais fagocitável polas dinánicas dos serviçons *online* de gestom da vida social das pessoas em que dominam os dispositivos da mercadotécnia.

A quem se lhe ocorreria pegar numha fouce polo fio ou utilizá-la sem afiar? Se alguém figer assim nom será com toda probabilidade para cortar a relva. Assim, fai-se necessário apreender quais partes das novas tecnologias tenhem maior interesse para o trabalho político e também quando acontecem os contextos idóneos para a sua utilizaçom.

Porém, é possível atingir esse conhecimento? Som as novas tecnologias realmente ferramentas para a construçom? Os avanços tecnológicos som assumidos a umha velocidade que dificulta o seu desenvolvimento crítico. Ademais, o seu uso nom fica limitado a um espaço de trabalho ou estudo. Imos para a cama com os nossos dispossitivos. Som o primeiro que consultamos antes de erguer-nos na manhá.

Pode a nossa finalidade ter umha intençom responsável e ética, mas é a própria ferramenta inóqua? Como os transportes de alta velocidade, o ciberespaço cria em sim próprio umha nova ontologia. Velaqui umha fórmula perfeita para o auge do individualismo *gore*: os relacionamentos através da mediaçom do interfaz facilitam como nunca a liquidez das relaçons. Para as novas geraçons será o seu grupo de referência umha comunidade internacional *online* antes do que um espaço local?

assim nos vai

Liberdade de expressom e responsabilidade editorial

No passado número 151, o Conselho de Redaçom do Novas decidiu nom publicar o quadrinho de humor encaminhado polo colaborador habitual e artista gráfico Mincinho. O quadrinho foi publicado nas redes sociais do artista, junto com umha acusaçom de censura contra esta publicaçom. O desenho publica-se também neste número 152 (página 31), contextualizado agora por este comentário editorial, que pretende explicar ao nosso público o porquê da decisom de nom o publicar naquele momento.

Na imagem retrata-se umha conversaçom em que o sistema político cubano é equiparado com a monarquia absoluta e Fidel Castro com um monarca. Apesar de que numha primeira afirmaçom atribui-se ao presidente cubano o exercício unipessoal do poder executivo, numha segunda afirmaçom equipara-se o seu poder ao dum monarca absolutista (regime em que, como é sabido, nom existia divisom de poderes). Traduzido à semântica política do século XX (ou XXI), equivaleria a afirmar que Fidel Castro exercia um poder de tipo ditatorial.

É perfeitamente possível realizar umha análise crítica e à vez rigorosa do sistema político cubano. Por outra parte, compreendemos que o humor nom tem que ser um retrato fiel da realidade. Pode-se jogar com a caricatura e deformar as cousas —mesmo falseá-las em certa medida— com o objetivo de transmitir umha determinada mensagem. O que acontece é que, neste caso concreto, o quadrinho de humor reproduzia os mesmos estereótipos e clichés que já foram amplamente (re)produzidos pola imprensa hegemónica nos dias posteriores à morte de Fidel Castro. De publicar essa opiniom sem maior contextualizaçom, sem análises complementárias, o Novas da Galiza estaria simplesmente a contribuir nessa campanha. Julgamos nom deve ser o papel dum meio de comunicaçom que se quer crítico.

conselho de redaçom

OS LIMITES DA DEMOCRACIA NEOLIBERAL

Devir 'normal'

BORXA COLMENERO

Muito se tem falado desde a irrupção da Primavera Árabe, o 15M, o movimento *Occupy*, os protestos no Brasil ou, recentemente, a *Nuit Debout*, ao redor das hipóteses de uma transformação radical da sociedade. Porém, uma e outra vez toda expressão de desobediência popular rapidamente volta à *normalidade* democrática. Dificilmente poderemos suster que hoje qualquer destes lugares do mundo tenha avançado substancialmente face qualquer possibilidade emancipatória. Igualmente, na Galiza, já for no âmbito social, desde o *Nunca Máis* ao *Galiza non se vende*; já for relembrando o *boom* do nacionalismo galego ou as sucedidas marés eleitorais; nem uma nem a outra foram capazes, nem sequer, de forçar os limites do capitalismo parlamentar. Ou talvez tenha sido esse precisamente o cerne do fracasso das hipóteses de mudança social: assumir os limites da democracia e, em suma, conceber a democracia apenas na ótica aristotélica, como a forma de constituição do corpo político. No entanto, em contraposição à visão aristotélica, estudiosos contemporâneos como Giorgio Agamben sustêm uma outra face deste termo, entendido como técnica de governo. Este autor entende a democracia como um conjunto de procedimentos, discursos e tecnologias orientadas a conduzir a vida dos e das governadas. A democracia contemporânea sob a direção neoliberal não procura como antanho o disciplinamento social ou a correção de todos os indivíduos na lógica do permitido vs. proibido. O Estado omnipotente do passado reprega e estabelece novas margens de tolerância, liberta o conflito e flexibiliza o controlo. A situação de colapso económico, a rotura da institucionalidade tradicional e a erosão das identidades coletivas resultam irreconduzíveis e mesmo já indesejáveis. O código neoliberal, ao contrário, *normaliza* a desordem atual e administra o caos.

Assim sendo, não importa a presença da criminalidade, a marginalidade ou a indignação popular, por contra, estes acontecimentos no presente configuram-se como imprescindíveis para a manutenção do *status quo*. Quer dizer, apresentados como fenómenos excecionais, são elementos constituintes da *normalidade* democrática, através -seguindo de novo a tese agambeniana- de uma relação de *exclusão–inclusão* que, em última analise, serve para incluir na normalidade aquilo que deveria ser expulso por ser excecional. Desta perspetiva, a democracia neoliberal não se pode reduzir a um sistema político, a um modelo económico ou a uma ideologia determinada, senão um 'modo de viver'. Os desejos, os sonhos ou as ambições são as que regulam de forma autónoma a vida dos sujeitos, sem necessidade da intervenção estatal, e resolvem por inteiro, como advertira Gilles Deleuze, as suas necessidades em qualquer dos estratos do mercado, da economia formal, informal ou mesmo ilegal. Eis, pois, o campo de batalha onde nos encontraríamos: um espaço onde a mobilização não se acha na política ou na ideologia mas nas emoções, que já não são reprimidas senão incluídas na *normalidade* e postas a produzir nos limites democráticos. Em palavras de Nikolas Rose, o neoliberalismo é, fundamentalmente, uma experiência existencial que não se assenta sobre nenhum consenso social mas sobre a gestão quotidiana das vidas. Os protestos sociais, os distúrbios ou qualquer outro episódio de violência por si próprio, por excecional que se manifestar, não implica umha rotura da *normalidade* por enquanto esta não procura a sua legitimidade num pacto social. Dito de outra forma, resultam irrelevantes as motivações que com toda justiça implorem as revoltas, como as assinaladas ao começo deste artigo, pois estas razões políticas pelo simples facto de serem *justas*, não têm capacidade para mudar as coisas, entanto o controlo das emoções é gerido e digerido para a sua própria reprodução. Portanto, qualquer hipótese de mudança social não a devemos pensar tanto em como enfrear um conjunto de instituições (Estado, CC.AA., UE., BCE., etc.) que atacam a maioria social, como em fazer existir outro quadro interpretativo das emoções, os desejos e as ambições. O repto, em conclusão, não é deixar-se deslumbrar pelas hipóteses de melhoramento *sobre* a vida dos cidadãos das políticas públicas, mas pôr em prática uma outra forma *de* vida não submetida aos limites da liberdade económica e a democracia neoliberal.

A democracia neoliberal não se reduze a um sistema político, económico ou ideológico determinado, senão um 'modo de viver'.

O repto é pôr em prática uma outra forma de vida não submetida aos limites da liberdade económica.

Borxa Colmenero é advogado

opiniom

Feminismo de classe

MARIA ROSENDO

Marisa tem 57 anos e mora numha paróquia de Abegondo. Na casa era a terceira de sete filh*s, mas a mais velha das irmás. Desde os 13 até os 18 anos empregou 904 horas em lavar cacharros e 556 em fazer camas.

Casou com 19 anos e com 24 tinha 2 filh*s. Criou as crianças enquanto trabalhava numha residência para idos*s. Daquela, acordava às 6 da manhá; punha a máquina de lavar, limpava os banhos, fazia o almoço, acordava as pequenas, vestia-as, fazia as camas, levava-as à escola, ia para o trabalho, voltava às 5, recolhia as meninhas, ajudava-as com os deveres, cuidava dos animais, cuidava da horta, fazia merendas e ceias.

Com 33 anos, o pai tivo um acidente com um trator e botou 278 dias encamado. Ela deixou o emprego para poder cuidá-lo. Preparar-lhe o almoço, fazer os exercícios, levantá-lo em peso, asseá-lo, preparar o jantar, dar-lho, mudar-lhe os cueiros, dar-lhe a medicaçom, fazer-lhe companhia, preparar-lhe a ceia, dormir com as portas abertas para escuitá-lo respirar e, com sorte, descansar 4 horas.

charo lopes

Algumha vez, ao voltar o homem à casa, perguntava-lhe a Marisa: "e logo, que figeche hoje?" -como aguardando o relato de algumha atividade extraordinária que "ocupasse o seu dia".

Feitos os 37, Marisa foi diagnosticada de cancro de mama. Em 2 meses passou por 4 operaçons e quando o conta, di: "enfermar era um luxo que nom me podia permitir".

Marisa tem 57 anos e as maos inchadas de trabalhar, mas para o Estado ela nom trabalhou mais do que 5 anos.

Depois de passar o cancro, sua sogra enfermou de alzheimer e foi-se viver com el*s. Marisa cuidou dela durante 9 anos. Quando a Junta resolveu a sua dependência, faltavam 5 meses para que morresse.

Marisa tem 57 anos e as maos inchadas de tanto trabalhar. Porém, segundo o Estado, ela nom trabalhou mais do que 5 anos.

Haverá quem pense que Marisa é umha mulher que tivo muita má sorte, mas Marisa que é de carne e osso, é umha mulher com umha história bem semelhante à de tantas outras. A história das sustentadoras da vida. Assim, enquanto olho para elas vejo o passado deste país, o presente deste país, e para que o futuro seja diferente compreendo: Feminismo de classe, ou barbárie.

Maria Rosendo é educadora social e ativista feminista.

A nossa épica militante

PAULO PAINCEIRAS

"Calarem a Épica dum povo para encumearem só a sua Lírica foi e é umha das muitas técnicas repressoras e opressoras dos imperialistas aos povos, na sua metamorfose para perpetuarem a opressom do ser humano polo ser humano."

Jaime Quessada

A memória é um instável artefacto que costuma explodir com faíscas inesperadas. "Goldi Libre", obra de teatro apresentada pola companhia Chévere no passado outubro, vem lembrar-nos em primeira pessoa a manobra coletiva que enfrentou umha geraçom inteira de ativistas da Galiza contra a legalidade do Reino de Espanha. O movimento antimilitarista galego de que falamos situa-se fundamentalmente nos anos 90 e caracterizou-se pola sua originalidade, pluralidade e capacidade de reaçom. Foi capaz de combinar a contundência das intervençons com a originalidade que dava cobertura e gerava simpatias. É importante lembrar qual parte da esquerda, da nossa esquerda, nom foi capaz de digerir umha atuaçom tam distante da rigidez estalinista e tam ofensiva com a socialdemocracia em plena adolescência vigorosa. A vergonhenta reaçom inicial do nacionalismo e doutras esquerdas carregadas de inércia e mitologia soviética foi-se atenuando até o apoio explícito. Devemos excluir deste desafeto inicial o independentismo, que já no ano 83 proclamava a insubmissom, e o anarquismo, dotado de um ADN historicamente aderido a estas coordenadas.

Contudo, o antimilitarismo galego voltou a demonstrar essa episódica capacidade do nosso povo de romper o papel claudicante em que a dramaturgia espanhola nos encaixa insistentemente. Acabando a década, só Nafarroa superou a Galiza nos números da insubmissom. Mobilizaçons de até 4.000 pessoas percorrêrom a capital arroupando os últimos insubmissos. 60.000 jovens galegos aderirom à nossa proposta, à da ANOC, MOC e dezenas de coletivos locais. Vou-no dizer outra vez: 60.000 objetores de 1985 a 2000.

Mas a Galiza e as galegas somos assim. Ganhamos e passamos página. Nem passeios triunfais, nem festa da vitória, nem homenagens às pessoas que suportárom mais repressom.... Nom, a nós nom nos vam as heroicidades. Temos, podemos dizer, um mal ganhar. Os galegos e as galegas enfrentamos um Reino que, em santo latrocínio legal, arrebatava anos de vida da nossa juventude para treinar o seu machismo, encorajar a sua espanholidade, elevar a sua homofobia, solidificar os preconceitos linguísticos... E ganhamos, sim, ganhamos. Goldi ganhou. Intervinhérom muitos outros fatores além das nossas próprias forças, sabemos isso. Mas quando nom acontece tal cousa? Debilidades do inimigo, apoios externos, arbítrios inesperados... Qualquer vitória social da esquerda planetária resulta de um acontecer múltiplo.

Galiza abriu o terceiro milénio da nossa era registando a última leva do Reino de Espanha após séculos de intervençom violenta na nossa juventude. E fomos nós, organizando-nos, a hóstias, colando cartazes, mobilizando-nos e padecendo prisom. Com a nossa Épica militante, como sempre.

Paulo Painceiras é membro da Gentalha do Pichel

USC solicita quatro meses de prisom para doze estudantes

Estudantes da Universidade de Compostela à porta dumha das bibliotecas do cámpus sul.

Redaçom
conselho@novas.gal

A Universidade de Santiago de Compostela (USC) está a participar na repressom do estudantado mobilizado por umha universidade pública e democrática. Esta instituiçom decidiu continuar o processo judicial contra 12 estudantes por protestar durante o Conselho de Governo celebrado o 14 de março de 2013.

Naquela jornada, um grupo de estudantes interromperam o Conselho para denunciar a suba de taxas universitárias e a reduçom nas bolsas. Após dous meses, chegaram às casas de 12 delas citaçons judiciais de um processo em que eran acusadas de destroços e agressom ao pessoal de seguridade. Segundo explica umha das pessoas acusadas, no sumário apareciam fotos das acusadas mas em nenhumha delas se viam cenas da violência polas que as denunciavam. "Mesmo citaram umha pessoa de Ourense que nom estava presente aquele dia em Compostela", assinala. Recentemente, recebérom umha comunicaçom em que se lhes informava de que o processo fora suspendido, mas a USC recorreu com a intençom de continuar com ele. Assim, as 12 estudantes estám à espera da nova citaçom num processo em que se lhes pede 4 meses de prisom a cada umha e umha indemnizaçom solidária de 1400 euros.

Esta última decisom da USC chega num momento em que o estudantado compostelám está a enfrentar umha especial situaçom repressiva. Como informávamos em Novas da Galiza 151, a USC abriu expediente disciplinário a sete alunas do Mestrado de Género que realizaram umha açom nas aulas do professor Luciano Méndez, protagonista de agressons machistas. Também três alunas foram julgadas por desordens trás um escracho ao professor homofóbico Domingos Neira.

> O estudantado está a enfrentar um especial episódio repressivo através de expedientes disciplinários e processos judiciais

A repressom atual ao estudantado compostelano nom remata aqui. Em novembro de 2015 os tribunais da cidade condenavam três estudantes a 15 meses de prisom e ao pago de umha indemnizaçom polo boicote a um ato do presidente da Junta, Alberto Núñez Feijó, em outubro de 2014. As três pessoas condenadas foram detidas semanas depois do protesto, num operativo acompanhado de assinalamento mediático.

acontece

ana viqueira
anaviqueira@novas.gal

Com 15 anos, Pablo converte-se no primeiro menor da Galiza em mudar o sexo no Registo Civil para adequá-lo à sua verdadeira identidade de género. A autorizaçom permite que poida ter nos seus documentos oficiais, do BI até o cartom de saúde, o nome e género que tem desde os 3 anos. Entrevistamos Cristina Palacios, presidenta de Arelas, associaçom de famílias de menores trans.

carla trindade

"Galiza é um referente na mudança de nome e sexo legal de **menores trans**"

Que fijo possível o cámbio de sexo legal no caso de Pablo?
No estado espanhol há umha lei, datada em 2007, que permite modificar o sexo e o nome, mas essa normativa nom inclui as pessoas menores trans. Nós alegamos que umha lei nom pode discriminar ninguém e, de facto, existe um relatório do Supremo que vai por esse caminho. Deste modo, começárom a dar-se sentenças favoráveis, umha delas no estado. Aí começou todo, abriu-se o caminho.

Com a luita de Pablo cria-se um precedente para que mais menores trans podam mudar o sexo no registo. Em Arelas há pessoas que estám a aguardar para dar este passo?
Neste momento, nom. Temos um caso que aguarda polo troco do nome, tem 10 anos e é de Vigo. A mudança de sexo é já umha decisom importante que, polo geral, requer esperar a umha idade posterior. Pablo, por exemplo, tem 15 anos e leva tempo com tratamento de bloqueadores. É necessário que o ou a menor entenda cada passo que dá.
Por exemplo, minha filha Sara foi a primeira menor trans que trocou o nome no registo na Galiza. Foi algo que fijo com 9 anos e, logo dela, vinhérom sete menores mais. Agora, minha filha vai fazer 11 anos e quando avance seguramente pedirá a mudança de sexo nos documentos oficiais.

"Há que trabalhar no ámbito educativo. Todas as menores que passárom por Arelas fôrom e som acossadas".

As pioneiras adoitam ser também as primeiras em levar os golpes para abrir o caminho. Foi este o caso?
Em questons legais que tenhem a ver com o troco de nome nom tivemos problema. Nesse momento, já houvera casos exitosos no estado espanhol. Eu também pensava que ia ser umha luita longa e resultou todo o contrário, num mês resolvérom. Alegamos que Sara era o seu nome habitual em todos os ámbi-

"Existe algo que se chama diversidade e que nom é só se som brancas ou pretas, gordas ou magras, senom que existe a diversidade sexual, a diversidade funcional..."

tos da sua vida. Nom tinha sentido ter um nome que nom a identificava e que invadia a sua identidade.

Tampouco houvo atrancos para as menores que vinhérom logo?

O caso de Sara assentou jurisprudência. Nom houvo nenhum caso com um ditame desfavorável na Galiza. De facto, é referência a nível de Estado. É o terceiro território onde se produziu umha mudança de sexo e nome junto com Andaluzia e Valência. Estou mui contente porque somos um referente para os demais.

Se bem nesse aspeto podemos ser um referente, onde fica mais trabalho por fazer? Onde temos que nos pôr a sachar?

No ámbito educativo. Todas as menores que passárom por Arelas fôrom e som acossadas. Isto dá-se porque nas escolas nom se trabalha a diversidade. Nom tenhem nem ideia e isso gera prejuízos. O professorado nom deixa de ser um reflexo da sociedade.

Nesse ámbito, tendes algumha experiência?

Há uns anos, Arelas realizou um protocolo junto com a Conselheria de Educaçom para que a comunidade educativa saiba atuar ante o caso de umha ou de um menor trans. É necessário respeitar a identidade. As orientadoras devem ser mediadoras com as famílias que boa parte das vezes nom apoiam as menores. É também necessária para a formaçom e informaçom de toda a comunidade educativa: alunado, nais, pais... Inclusive nos livros de texto. Olha, há um par de semanas a organizaçom homofóbica e LGTBFóbica *Hazte oír* repartiu panfletos polos centros educativos do estado e da Galiza. Acabamos de presentar um escrito à Conselheria para que ponha medidas. É chamativo que a umha organizaçom LGTB nos custe tanto entrar num centro e para umha organizaçom católica e LGTBfóbica lhe seja tam simples.

"A organizaçom homofóbica e LGTBfóbica 'Hazte oír' repartiu panfletos polos centros educativos. É chamativo que a umha organizaçom LGTB nos custe tanto entrar num centro e para umha organizaçom católica seja tam simples".

Nesse sentido, encontrastes vontade política para pôr em marcha o protocolo?

Apresentamo-lo de maneira oficial. Agora bem, os protocolos nom som obrigatórios polo que se atua segundo a predisposiçom dos centros. Nós estamos por cima assim que, se sabemos que há umha menor, exigimos que se ponha em marcha esse protocolo. Gostaríamos de que se aplicasse em todos os centros galegos mas nom é assim.

Já nos contou que se deveria fazer numha escola, mas como teria que atuar umha família que começasse a perceber sinais de que a sua filha ou filho desenvolve umha identidade de género diferente da normativizada?

Cada vivência é um mundo à parte. Uns expressam-no abertamente, outros nom, também umhas famílias o respeitam e outras nom. Desde a minha experiência, cumpre acompanhar os sentimentos que manifeste cada criança.

Quando nom se lhes respeita, obriga-se-lhes a viver com uns roles, um nome, um género, que nom é o próprio. Isso é violência. Isso é maltrato infantil. Isso é obrigar a ser quem nom és. Há muitas e muitos adolescentes trans que desde pequeninos pensam em marchar da casa por este motivo.

O caminho é deixar que se expressem, escuitar e acompanhar. Minha nena fixo a mudança aos 8 anos porque ela mesma dixo que queria fazê-la. Sabem quando se sentem preparados e só há que acompanhar na sua decisom. Nom é mais complexo do que isso. Suponho que ocorrerá o mesmo com outras decisons, como a da orientaçom sexual.

Como sociedade também temos responsabilidades. Há cifras que horripilam a umha, como que o 81 por cento das adolescentes trans pensárom nalgum momento em se suicidar.

Há que informar-se e formar-se. Como nai, nom sabia o que era ser transexual e tinha também os meus próprios prejuízos. Mas isso resolveu-se com informaçom. Existe algo que se chama diversidade e que nom é só se som brancas ou pretas, gordas ou magras senom que existe a diversidade sexual, a diversidade funcional...

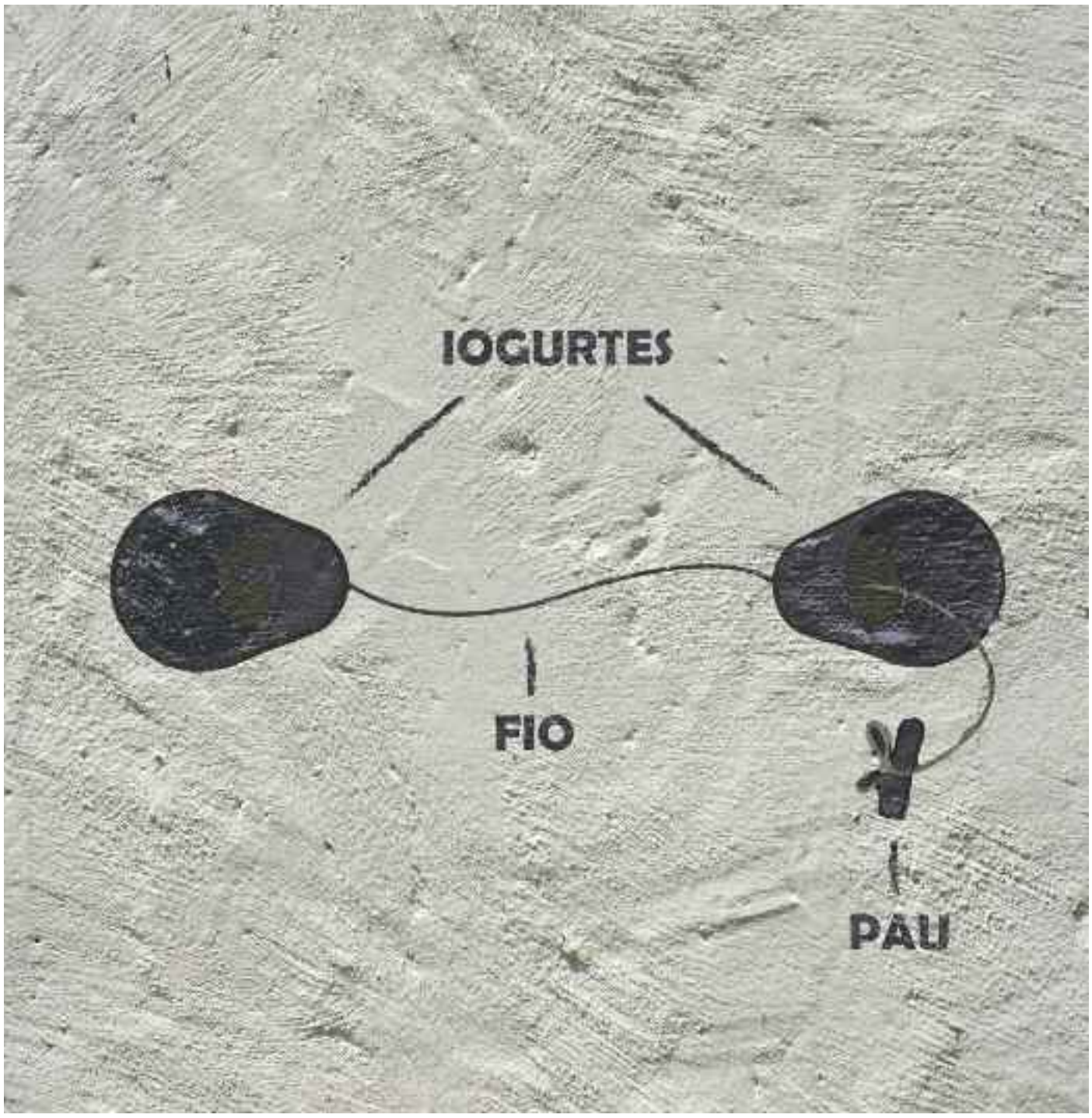
Somos adultas e civilizadas e devemos respeitar todas as pessoas. Quando tenhamos isso ganhado poderemos transmitir-lho às seguintes geraçons. Enquanto nom eduquemos na diferença e diversidade estaremos a consentir o acosso.

REDES E RELAÇONS SOCIAIS / PRESENÇA 'ONLINE'

Ninguém perto, ninguém longe

Disponibilidade 'online' e alheamento do entorno som algumhas das conseqüências no comportamento social devido à utilizaçom das novas tecnologias.

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal



adriana p. villanueva

Os telemóveis com conexom web adquirírom umha ampla presença nas atividades mais quotidianas. Encontramo-los próximos à taça de café do almoço, pendurando do braço quando a gente está a correr ou agachados por baixo das mesas nas aulas, sempre recebendo os impulsos do dedo polegar e a atençom dos olhos. E o que a gente vê nele? Talvez umha posta de sol com um filtro de cores, a última mensagem numha longa e intermitente conversa através dum serviço de mensagens instantâneas ou as últimas notícias na atualidade do dia. Mas, sobretodo, o que permite um dispositivo destas caraterísticas é comunicar-se e relacionar-se em qualquer momento com gente que se encontra a qualquer distância.

O sociólogo polonês recentemente falecido Zygmut Bauman, numha das suas *44 cartas do mundo líquido moderno*, afirma que "nesse mundo *online* ninguém está longe nunca, todos semelham estar constantemente à nossa disposiçom". Efetivamente, a grande maioria de redes sociais popularmente empregadas contam com a oportunidade de trocar mensagens privadas com qualquer das pessoas usuárias, o que permite ter a sensaçom de ter as pessoas ao alcance da mau. Bauman, na mesma carta, reconhece outro aspeto que facilita a conexom permanente através do telemóvel: o "estar espiritualmente ausentes".

A reflexom de Bauman suscita a imagem dalgumhas cenas quotidianas. Estamos nalgum local de lazer e encontramos ao redor pessoas que prestam mais atençom ao seu telemóvel do que às possibilidades de conversa que se podem abrir com as pessoas fisicamente presentes. Disponibilidade *online* e alheamento do entorno som, seguindo com o exposto por Bauman, algumhas das consequências no nosso comportamento social pola utilizaçom que as pessoas fazemos destas tecnologias e que podemos palpar na vida quotidiana.

> Algumhas usuárias utilizam as novas tecnologias cuidando a privacidade e evitando dinâmicas de controlo próprias das redes.

Conetividade e ausência

A psicóloga e terapeuta sexual Mai Ínsua identifica também, entre outros, estes comportamentos. Assim, Ínsua vê nessa conetividade e disponibilidade permanente um mecanismo próprio

REDES E RELAÇONS SOCIAIS/ PRESENÇA 'ONLINE'

da sociedade patriarcal, pois "as redes sociais rebentam a reivindicaçom feminista de construçom de tempos e espaços próprios. Aportam informaçom sobre quem está *online* num momento concreto, sobre relacionamentos entre outras pessoas ou a última hora em que outra pessoa teve conexom". Estes dados, segundo aponta Ínsua, fam saltar mecanismos de controle e dependência, e facilitam a criaçom de suposiçons. Por exemplo: nom respondem umha mensagem enviada e, através da informaçom sobre a última conexom registada, a pessoa emissora tende a imaginar as causas dessa demora.

É por isto que algumhas pessoas usuárias decidem apagar o acesso a essa informaçom com a intençom de salvaguardar a privacidade e rachar com as dinâmicas de espera e controle que potenciam estas redes. Os serviços de mensagens instantâneas mais empregados tenhem a opçom de nom mostrar as tuas informaçons sobre a hora de conexom ou sobre a leitura das mensagens enviadas. Umha vez se marca esta opçom, o aplicativo informa-te de que isto implica que nom verás as horas de última conexom dos teus contactos.

Mai Ínsua salienta as distorçons que se criam à hora de perceber a vida das outras pessoas. Pom o exemplo dumha rede social de publicaçom de fotos e vídeos: "tu vês a foto 'perfeita', mas nom sabes se antes dessa houve outras, ou por que escolheu essa e desbotou outras, ou mesmo simplesmente quais fôrom os motivos que levaram a tirar umha foto". Ínsua assinala que há tendência a encher mentalmente esses ocos que ficam vazios, criando umha ideia que nom tem a ver com a realidade nem serve para compreender a situaçom vital em que se encontra a outra pessoa.

Também percebe Ínsua o feito da nom presença. Assim, estas redes de publicaçom de fotos promovem que as suas usuárias estejam habitualmente procurando a captura de imagens da sua vida. "Tiras fotos dumha posta de sol e estás mais concentrada em como a sacas do que em viver a própria posta de sol. Estás todo o tempo fora", reflexiona Ínsua.

adriana p. villanueva

A TECNOLOGIA AFASTA-NOS?

Cuidados e encontro

O uso estendido dos serviços de redes sociais, através dos quais boa parte da populaçom gere a sua realidade relacional, lança o interrogante de se estám a influir na qualidade e na quantidade dos encontros físicos entre pessoas. Iago Varela, coordenador da página *Mallando no Android*, admite que está estendida a ideia de que a tecnologia está a nos afastar dos encontros pessoais, mas "eu som das que pensa que é umha crença errada". Para Varela conversar por mensagens instantâneas nom fai que combine menos em pessoa e acha que interagir polas redes "pode fazer que descubramos gente afim na rede que depois desvirtualizaremos".

Alberto (nome fictício), desenhador gráfico e usuário das redes sociais, fala das suas experiências e afirma que "graças à Internet tenho relaçons amplas ao longo de toda a península, tecim redes de amizade com pessoas que vejo fisicamente pouco mas com a que comparto a minha vida". Além disto, acrescenta que estas relaçons *online* "nom me impedem ver as minhas amizades que estám fisicamente mais próximas, na minha cidade. Tenho um amigo com o qual ceio e vejo séries dous ou três dias por semana. Outras amizades tento vê-las todas as semanas ou cada duas semanas".

Continuando com a intuiçom de que as redes sociais estavam a degradar as relaçons de proximidade entre as pessoas, o sociólogo César Rendueles apontava no seu livro *Sociofobia*, onde recolhe argumentos que defendem esta afirmaçom, a incompatibilidade entre as novas tecnologias e as dinâmicas de cuidado e apoio mútuo. Num debate sobre as tecnologias celebrado em Madrid, do público respondia-se-lhe a Rendueles que o 70% das mensagens em Internet som privadas, quotidianas, polo que pode configurar um novo canal para os cuidados.

Reflexionando sobre este assunto, Alberto admite que as relaçons físicas contam com mais potencialidade à hora de satisfazer as necessidades de afeto, "mas isto nom quer dizer que nas relaçons virtuais nom podam estar presentes os cuidados e acompanhamentos". Assim, este usuário acrescenta que "vivo constantemente situaçons em que realizo vídeo-conferências ou envio áudios, imagens ou ligo com alguém que precise do meu acompanhamento ou escuita ativa".

O binómio tecnologia e cuidados tem ainda um resultado incerto. A psicóloga Mai Ínsua pom o foco na criaçom de espaços próprios de segurança e no auto-cuidado, e partilha algumhas propostas que se figérom à hora de empregar as redes sociais. Assim, as redes com umha maior utilidade para aceder à informaçom e comunicar-se emprega-as com umha perspetiva mais profissional. Também estabeleceu medidas para cuidar os seus vínculos afetivos. Assim, aquelas pessoas com as que estabelece umha relaçom erótica nom as tem nas redes sociais, "pois acho que isto permite umha comunicaçom mais clara", expom Ínsua. Deste jeito, o cuidado dumha própria redunda também no cuidado das pessoas próximas.

REDES E RELAÇONS SOCIAIS / O QUE DIZ A IMAGEM

Na procura do encontro físico

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

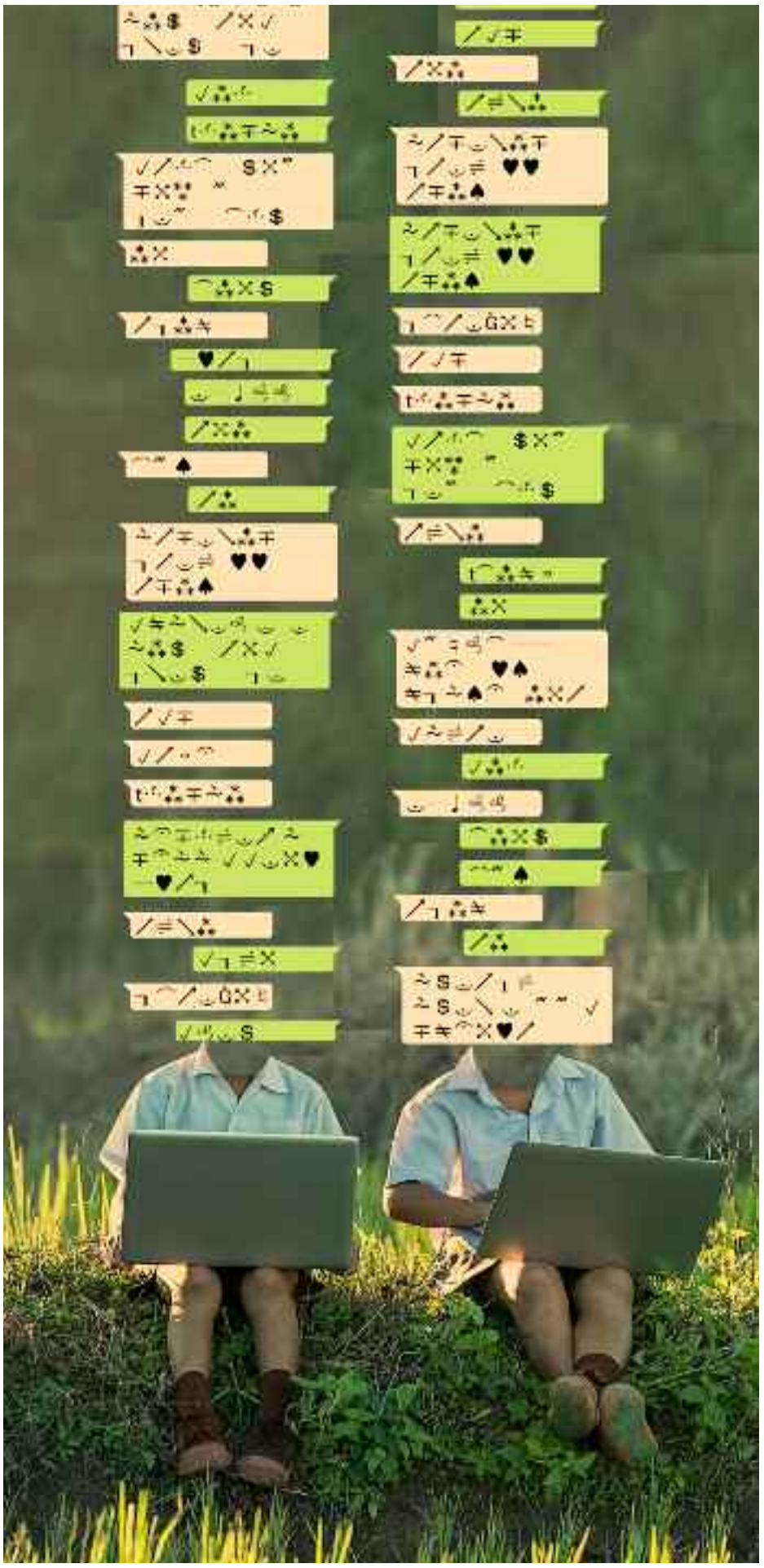
A conexom permanente à Internet através dos telemóveis também propiciou a apariçom de redes e aplicativos para a interconexom física das individualidades usuárias e nos quais é fundamental o emprego do GPS incorporado nos telemóveis para encontrar pessoas registadas que se encontram na contorna.

Como é empregada a imagem nestas aplicaçons? Pedro (nome fictício), professor de secundária e usuário do aplicativo mais popular para este tipo de encontros, indica que "vai focada a gostar às outras pessoas para que gostem do nosso perfil e que seja possível ter umha citaçom com ela. Entom, projetamos umha imagem bastante estereotipada dos nossos corpos, da representaçom da nossa imagem ou dos nossos gostos".

É habitual encontrar perfis de pessoas sempre sorridentes, em lugares distantes e exóticos ou em contextos de lazer, o qual indica algumhas caraterísticas de que se pensa que a outra, a pessoa que vê, gosta. Nesse aplicativo há que emitir um juízo sobre todos os perfis que recebes no ecrám. Até que nom digas 'gosto' ou 'nom gosto' nom se acede a outro perfil. Quando dous perfis disseram 'gosto' a umha da outra abre-se a possibilidade de falar pessoalmente.

As comunidades com sexualidades nom normativas, nomeadamente mulheres e homens homossexuais, empregam também aplicativos para tecer relaçons íntimas e sexuais. Estes aplicativos tenhem um funcionamento diferente ao anteriormente descrito. Nestes cria-se um perfil, expom-se umha imagem, informaçons pessoais e no ecrám aparecem, a jeito de mosaico, as imagens do resto de pessoas usuárias.

A psicóloga Mai Ínsua explica que também nestes aplicativos só para mulheres se reproduzem nas imagens do corpo alguns códigos próprios do cânone de beleza normativo: "representam-se decotes, posiçons sensualizadas para o masculino...". Um feito que percebeu que acontece neste aplicativo foi que "se a idade da usuária é de mais de 30 anos nom se costuma pôr umha foto do próprio corpo e emprega-se outras imagens, como paisagens ou animais domésticos". Tem detetado também mensagens nos perfis em que se indica "só femininas", o que se pode considerar um comportamento plumofóbico, entendendo a pluma como as práticas corporais e gestuais contrárias à heteronormatividade. Mas Ínsua também quer deixar claro que estes nom som os comportamentos maioritários e que se encontra gente interessante.



adriana p. villanueva

A utilizaçom de dispositivos móveis e a conexom permanente propiciou a apariçom de redes e aplicativos para o contato físico das individualidades usuárias.

Multidons no ecrám

Miguel (nome fictício), trabalhador precário, utiliza os aplicativos desenvolvidos para facilitar o relacionamento entre homens da comunidade gay. Para ele estes aplicativos "tenhem umha parte libertadora, pois permite aceder ao sexo a pessoas que anteriormente tinham dificuldades. A figura de homem homossexual hegemónico (branco, solteiro, de classe media...) é respon-

REDES E RELAÇONS SOCIAIS / O QUE DIZ A IMAGEM

Corpos sem pestanejar

Qual é teu nome de usuária? Escolhe umha senha, umha foto, indica onde naciches, onde vives, o teu currículo. Define-te. Apresenta-te. Expóm as tuas preferências. Dá o teu número de telemóvel para maior segurança. Em que estás a pensar? O que está acontecendo? Talvez conheças estas pessoas. Recebeches um 'like'. Cresce o teu número de 'followers'. Ativa o GPS para encontrar pessoas que tes perto. Tes umha correspondência. Para mais utilidades fai-te cliente Premium.

Qualquer pessoa presente nas redes sociais encontra-se com cada umha destas perguntas e avisos. Som parte indivisível do portalom a atravessar para entrar no mundo das redes sociais. Umha vez criado o perfil abrem-se as possibilidades de interaçom, nas quais a imagem que escolhemos transmitir de nós tem especial relevância. Vem-me, logo existo.

Também o olho que nos vê participa na construçom da nossa identidade virtual. A doutora em Arte e professora na universidade de Sevilha, Remedios Zafra, tem reflexionado sobre como se transmitem a identidade e a imagem do corpo nos serviços online de gestom de relacionamentos sociais. "Os corpos, em tanto materiais, nom som transladados fisica e literalmente à rede, sim o som as suas imagens", indica Zafra no seu artigo titulado *Un cuarto propio conectado*. "A ninguém lhe passa inadvertida a potência e a falta de inocência dos imaginários visuais que nos rodeam, o seu valor na criaçom, assentamento e reiteraçom de limitaçons identitárias nas nossas vidas", afirma a doutora.

adriana p. villanueva

Na rede somos vistas, mas também formamos parte das pessoas que vem. No mesmo artigo Remedios Zafra reflexiona sobre como evitar a reiteraçom de símbolos e modelos hegemónicos na criaçom online e expóm a necessidade de, por um lado, a vontade de transgredir um modelo e, por outro, a capacidade para a construçom de umha olhada coletiva: "a ideaçom de novas figuraçons capazes de inspirar e contagiar os nossos imaginários possíveis ou revisar os clássicos".

> Na construçom da imagem e a identidade virtual jogam um papel importante os olhos das outras e a receçom de reforços positivos.

O modelo do 'like'

Nas redes sociais muitas publicaçons vem-se modeladas pola reaçom positiva. Parte do sucesso e do reclamo destes aplicativos é a capacidade de facilitar reforço positivo às publicaçons. A psicóloga Mai Ínsua acha que existe nas redes sociais "umha dependência da reaçom positiva, como o número de 'likes' que se recebem ou as vezes que se partilha umha informaçom. Isto modela as cousas que se sobem e se exibem, pois todas queremos ter reconhecimento". Nesse comportamento também se reconhece Alberto (nome fitício), desenhador gráfico, quem afirma que "a maioria das usuárias fazemos por ter umha imagem dentro do canon normativo e contar com aceitaçom, sobindo fotos em que saiamos guapas e alegres". Ainda assim, Alberto indica que na sua contorna há gente que se sae do canon de beleza.

Mai Ínsua assinala que nas redes de publicaçom de fotos "há também perfis com corporalidades disidentes. Mas decatei-me de que escapando das imagens de corporalidades normativas, estava a receber muita informaçom de um tipo concreto de corpos. Com estas tecnologias é fácil criar umha norma ainda que seja alternativa". Por outro lado, Ínsua salienta que o reforço positivo próprio destes aplicativos é de utilidade para visibilizar, partilhar e mesmo reforçar processos de transiçom de pessoas com corporalidades nom normativas.

dida nestas aplicaçons, pois encontra-se umha multidom inclassificável (migrantes, trabalhadores sexuais, classes populares, gente que cuida o corpo, gente que nom o cuida...)". Mas Miguel cita alguns estereótipos que se reproduzem nestas redes: "o cânone estético, a plumofobia (aparecem mensagens em perfis que dim 'abster-se pessoas com pluma'), o estigma do VIH (mensagens de 'só gente sam') e estereótipos contra os trabalhadores sexuais". Porém, expom que "há umha gama de preferências sexuais muito mais ampla. Encontram-se gentes plumófobas mas também outra muita que nom o é. Isto move-se numha eterna pergunta: quando se trata dumha preferência e quando dumha fobia?". A hora de analisar a imagem do corpo que se escolhe expor nestes aplicativos, Miguel indica que "há umha parte muito importante de torsos, de gente que oculta a cara".

"O sexo nom é menos puro por estar mediado por estas tecnologias", e neste ponto Miguel assinala que com estes aplicativos "a negociaçom e a exposiçom de preferências é explícita desde o princípio, polo que se reduzem as ambiguidades". Neste senso, reflexiona que "transformamo-nos um pouco em trabalhadores sexuais, no sentido de que as relaçons som mais contratualizadas", e aponta que essa contratualizaçom racha com o mito do sexo como conexom espontânea na qual nom fam falta palavras. Assim, expom que "numha sociedade em que as relaçons interpessoais som difíceis e estám sujeitas a violências, isto facilita a negociaçom".

QUEM E PARA QUE EMPREGA INTERNET/

Jovem, urbana e conetada

As galegas empregam a grande rede para operaçons quotidianas. Existe umha brecha entre o rural e a cidade, mas a partilha de informaçom nas plataformas para a gestom da vida social é bem conhecida no nosso país.

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

Segundo o estudo *A comunicación en Galicia*, editado em 2016 polo Conselho da Cultura Galega (CCG), atualmente um 58,3% da populaçom, o correspondente a uns 1,6 milhons de pessoas, coneta-se com frequência a Internet. Os seus usos mais habituais, empregados por mais do 80% da populaçom com conexom habitual, som a procura de informaçom sobre e bens e serviços, a leitura e a descarrega de notícias e o envio e receçom de correio eletrónico. Após estas, no 65,3%, encontra-se a participaçom em redes sociais, e no 56,2% os jogos e as descarregas relacionadas com o lazer. Assim, o mundo digital é umha janela sobre a que grande parte da populaçom debruça para se informar e comunicar. Por outro lado, o uso menos estendido, e que se situa no 11,1%, é a criaçom de páginas e blogues. As percentagens do seu uso para pendurar conteúdos próprios situa-se num 43,8%, por baixo do uso para descarregas, do que se pode inferir que Internet é umha ferramenta que está a ser mais apta para o consumo do que para a criaçom própria.

Crianças, Internet e telemóveis

Outro traço que assinala o apartado dedicado à Internet do relatório do CCG é que as percentagens de conexom som maiores quando mais jovens som as pessoas. Mesmo é assim, que entre as crianças de 10 e 15 anos um 94,7% empregam Internet e, na mesma de idade, um 69,8% de crianças contam um telemóvel. Assim mesmo, um inquérito realizado pola Agência para a Modernizaçom Tecnológica da Galiza (Amtega) sobre a sociedade de informaçom nas vivendas galegas, indica que a presença de crianças na casa aumenta em 20 pontos as quotas de conetividade.

A maior percentagem de conexom habitual produz-se entre a franja de idade situada entre os 16 e os 24 anos, atingindo o 97,5%, sendo esta a geraçom que se define como 'nativas di-

gitais'. De jeito progressivo, as pessoas com mais idade conetam-se menos à rede. Na franja de idade que vai de 45 a 54 coneta-se habitualmente um 61,7%.

Ademais da brecha geracional que acompanha a introduçom destas tecnologias, percebe-se nas estatísticas outra brecha: a existente entra a cidade e o rural. Neste sentido, som as cidades de A Corunha, Compostela e Vigo as que contam com mais altos índices de conexom em banda larga. Aliás, os índices sobre os lugares de conexom salientam como o emprego de Internet cada vez é mais quotidiano e íntimo, pois o 89,4% das pessoas que se conetam famno da sua casa e o 84,2% dum dispositivo móbil, invertendo-se os dados que se davam na década de 90, quando era usual conetar-se em locutórios ou no centro de trabalho.

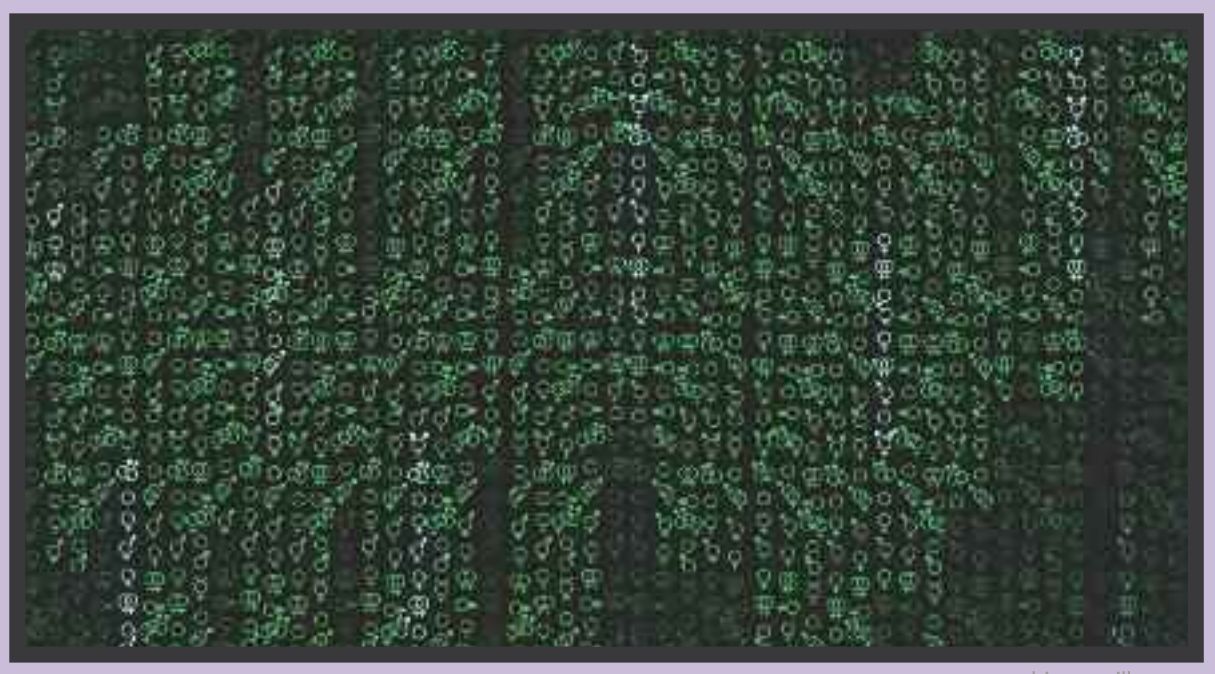
Estudo Geral de Meios

Por outra banda, as estatísticas que achega o Estudo Geral de Meios sobre o emprego de Internet no conjunto da populaçom no Reino da Espanha podem acrescentar alguns dados. No EGM correspondente à segunda jornada de 2016 pode-se apreciar como foi evoluindo nos últimos anos o uso de Internet por homens e mulheres. Nos anos 90 e começos de 2000, o acesso à rede era maioritariamente masculino, mas na atual década as cifras indicam que a relaçom está no 50%.

Também segundo o EGM, no conjunto do Reino o dispositivo do que mais se coneta a populaçom a Internet é o telemóvel, o que permite estar ligado permanentemente ao longo do dia, achegando o contexto idóneo em que o serviço mais empregado seja o das mensagens instantâneas. Outro dispositivo que está a crescer nos últimos tempos, que permite também a conexom da vivenda e que pode chegar a deslocar a tablet, é a 'smart tv'.

Qual perfil geral de usuária de Internet desenham estes dados? Umha pessoa jovem, com um dispositivo móvel com conexom, habitante da urbe, que emprega correio eletrónico, serviços de mensagens instantâneas para se comunicar e cuja principal fonte de informaçom é a rede.

UM ESPAÇO IGUALITÁRIO? /



adriana p. villanueva

Brecha digital de género

As estatísticas do EGM apontavam um acesso mais ou menos equiparável de mulheres e homens, mas isto nom se traduz como que a web seja um espaço igualitário. Em 2013, Ianire Estébanez, criadora da web *minoviomecontrola.com*, indicava que esta igualdade de acesso dá-se apenas nas pessoas de entre 16 e 24 anos e que cumpre falar dumha "terceira brecha digital de género" através da qual se reproduzem os roles diferenciais de género no emprego das aplicaçons tecnológicas para a gestom de relaçons sociais. Assim, Estébanez cita estudos que apontam que as moças tenhem maior interesse por conteúdos culturais, de lazer ou de sociedade e famosas, enquanto os moços estám mais interessados em desportos e jogos. Noutro senso, indica também que elas empregam mais as redes sociais como elementos de socializaçom e relaçom enquanto eles se mantenhem mais longe e realizam um maior controle sobre a sua intimidade.

Apoiando-se no trabalho feito polo Observatório Basco da Juventude, Estébanez conclui que "as moças manifestam ser acossadas sexualmente por parte de desconhecidos e conhecidos através das redes, mas à vez toleram e confundem manifestaçons de controle por parte das suas parelhas (ou ex parelhas) com mostras de amor". Através de um inquérito realizado em dous municípios bascos, Estébanez adverte sobre as diferenças na perceçom de um comportamento de acosso. Essa experiência extraiu que receber mais de dez chamadas ao dia era considerado um comportamento violento no 37,3% das moças, com um grau de importância de 0,95, numha escala de 0 a 5. Perante a mesma pergunta o 76,3% dos moços o consideravam violento, com um grado de importância de 2,64.

> Reproduzem-se roles diferenciais no uso dos aplicativos para a gestom de relaçons sociais.

As redatoras da revista feminista *Revirada*, que partilharam com Novas da Galiza os trabalhos de Estébanez para esta reportagem, salientam que nas novas tecnologias "se reproduzem os mesmos esquemas de discriminaçom e opressom que encontramos nas relaçons nom virtuais". Ademais de denunciar a invisibilizaçom dos discursos distanciados do hetero-patriarcado, a criaçom de ciber-relaçons patriarcais ou o assédio contra mulheres e sexualidades nom binárias, *Revirada* insiste também na "necessidade de 'espaços seguros' na web – como foros fechados, revistas feministas, blogues – onde seja possível ouvir vozes dissidentes e tratar de temas que ficam ainda completamente invisibilizados nos meios convencionais".

ACORDO DE LIVRE COMÉRCIO UE-CANADÁ /

CETA: O jogo ainda nom rematou

raul rios
raulrios@novas.gal

Salvo surpresa, o Parlamento Europeu dará luz verde à primeira fase de aplicaçom provisória do CETA em fevereiro. Porém, a entrada em vigor definitiva do acordo de livre comércio assinado pola UE e o Canadá ainda dependerá do voto favorável dos parlamentos dos Estados-membro. A Valônia poderia inviabilizar o tratado. A regiom belga levantou o seu veto inicial ao CETA após a inclusom dum anexo que oferece garantias sobre algumhas das matérias mais controvertidas do texto. Porém, o referido acréscimo nom questiona o fundo do tratado e também nom fica claro como será interpretada ao resultar contraditória com partes do texto principal.

Após dous anos com as negociaçons já fechadas e em suspensom, em finais do passado mês de novembro os governantes da Uniom Europeia e o Canadá conseguírom, nom sem esforço, assinar o CETA (*Comprehensive Economic and Trade Agreement*), depois de a regiom belga de Valônia retirar o seu veto –já que na Bélgica os parlamentos regionais tenhem o direito constitucional de vetar acordos internacionais antes de serem aceites por parte do estado. Após o previsível voto favorável do Parlamento Europeu, numha sessom prevista para fevereiro, a maior parte do tratado começará a ser aplicada de forma provisória neste ano 2017.

À semelhança do TTIP (o tratado entre a UE e os EUA), o CETA vai muito mais longe do que os acordos de comércio tradicionais, destinados a levantar as barreiras de importaçons e exportaçons e a minimizar o pagamento de taxas aduaneiras. Nom por acaso, o objetivo declarado deste novo género de acordos é ultrapassar as chamadas "barreiras nom alfandegárias", quer dizer, aquelas regulamenaçons que, nom estando circunscritas exclusivamente ao ámbito comercial ou de investimento internacional, pode significar um entrave para estes em determinadas circunstáncias. Por exemplo, os atuais padrons de segurança alimentar da UE proíbem tratar quimicamente com cloro o frango para consumo humano, o que é considerado como umha barreira nom alfandegária para os exportadores de frango dos EUA, onde a indústria da carne sim tem permitido levar a cabo este tipo de práticas.

O capítulo do CETA que nom será aplicado durante este período de entrada em vigor provisória, em parte graças às reservas da Valônia, é precisamente um dos mais polémicos do tratado: o relativo à proteçom do investimento estrangeiro. Tal como o TTIP, o CETA contempla a criaçom dum mecanismo de resoluçom de controvérsias entre investidor e estado (ICS, polas suas siglas em inglês), que teria a missom de interpretar os termos do tratado caso surgissem discrepáncias entre umha empresa e o governo

Mobilizaçom em Vigo contra o TTIP em 2015.
zélia garcia

dum estado. As multinacionais poderám demandar um estado ante este tribunal de arbitragem supranacional se entenderem que umha determinada norma aprovada por esse estado pode danar os lucros presentes ou futuros da companhia, atendendo à redaçom do CETA.

Para o CETA entrar em vigor de maneira completa e definitiva, é necessário o voto favorável por parte dos parlamentos dos Estados-membro da UE e também por parte daquelas cámaras legislativas de entidades infra-estatais que tenham reconhecido este direito, caso das regions belgas. Assim, para ser aprovado, deverá superar cerca de 40 votaçons. O acordo deve ser unánime, polo que o voto contrário por parte de qualquer estado ou regiom com direito a voto poderia deixar em suspensom a aplicaçom definitiva do tratado.

Nom está claro que o CETA poda ultrapassar este último requisito. Os social-democratas austríacos manifestaram a sua rejeiçom em outono, e a postura dos seus homólogos italianos, ingleses e franceses ainda nom está clara. A principal ameaça para o acordo a nível institucional, no momento atual, continua sendo o Partido Socialista da Bélgica, que detém a presidência do governo valom. Apesar de que finalmente levantárom o seu veto à assinatura inicial do tratado, durante as negociaçons lográrom pactuar umha resoluçom com o conjunto de autoridades belgas que capacita de facto o Parlamento da Valônia para botar abaixo o CETA. Segundo a referida resoluçom, as autoridades belgas levarám a cabo avaliaçons periódicas das consequências de caráter social e ambiental que poderia ter o tratado durante a sua aplicaçom provisória, reservando-se o direito de nom o ratificar de maneira definitiva, o que significaria a morte do CETA.

O anexo chave

Ante os atrancos de maior ou menor intensidade com que foi topando o CETA tanto na esfera dos movimentos sociais como dos partidos políticos de esquerdas e social-democratas, a comissária europeia de comércio, Cecilia Malmström, impulsou umha estratégia de lavagem de imagem que tinha na declaraçom anexa ao CETA a sua ponta de lança. Num "rascunho final" do referido anexo, datado em 5 de Outubro de 2016, podia ler-se como os autores insistiam ao longo das cinco páginas do documento nas supostas oportunidades económicas que abriria o tratado e nas garantias oferecidas polo mesmo. Nom convenceu. O Council of Canadians, a principal entidade de "açom social" do Canadá –como eles próprios se denominam, emitiu um comunicado criticando o conteúdo desta declaraçom anexa.

Porém, a relutância da Valônia a assinar o CETA obrigárom a substituir esta declaraçom anexa por umha outra de 12 páginas que, ademais de insistir sobre os mesmos aspetos supostamente positivos do acordo, também inclui umha série de condiçons sobre os aspetos mais polémicos do mesmo. Aliás, esta declaraçom anexa foi incluída como "instrumento", nos termos recolhidos na Convençom de Viena sobre o direito dos tratados, o que implica que o dito no anexo tem o mesmo valor jurídico que o texto principal do tratado quanto à sua interpretaçom.

Este acréscimo levou o PS belga a lançar um comunicado no mesmo dia da assinatura do tratado no que passavam a denominá-lo "novo CETA", afirmando que graças à inclusom da declaraçom anexa o acordo é agora substancialmente diferente à sua versom sem anexo, apesar de que o texto principal nom foi modificado. Nesse comunicado, o partido governante da Valônia vai dando conta dos "progressos" obtidos na negociaçom. Destacam, por exemplo, que no anexo se estipula que os Estados poderám legislar em matéria de saúde e educaçom públicas, cultura, ambiente ou proteçom do consumidor e revisar à alta os padrons; reservando-se também o direito de renacionalizar umha indústria ou serviço: "podemos definir livremente as nossas políticas sem medo de ter de pagar umha indemnizaçom". No relativo ao mecanismo de arbitragem, incidem em que graças ao anexo os juízes do tribunal serám "públicos", quer dizer, submetidos a um código de conduta que evite conflitos de interesses e sendo eleitos polo Conselho Europeu à proposta dos Estados-membro (como os do Tribunal de Justiça da UE). O texto nom inclui, porém, nada que modifique o facto de que só as empresas estrangeiras podam aceder a este tribunal de justiça paralelo.

> A Bélgica realizará avaliaçons sobre as conseqüências da aplicaçom provisório do tratado, podendo nom ratificá-lo de maneira definitiva.

Sem questionar em nengum momento a lógica pró-globalizaçom promovida polo acordo, insistindo em que quanto mais facilidades haja para o livre comércio de mais benestar desfrutará a sociedade; o anexo é contraditório com alguns dos aspetos mais relevantes do tratado, como os referidos à capacidade legislativa dos Estados. Ao terem ambas as partes do texto o mesmo valor jurídico, é difícil assegurar em que sentido poderá ser interpretado o CETA como conjunto quando começar a ter aplicaçom prática. O facto de o anexo incidir precisamente nos aspetos que mais polémica tenhem levantado pode ser interpretado como umha consequência lógica das negociaçons –renuncia-se àquilo que provoca mais desacordo– ou como umha estratégia destinada a contra-argumentar as vozes críticas com o tratado e tranquilizar a cidadania.

Em qualquer caso, umha vez votado no Parlamento Europeu, o CETA ainda deverá receber a validaçom dos parlamentos europeus para ser aprovado definitivamente. A Bélgica e cada umha das suas regions ainda poderiam premer o botom vermelho, se a aplicaçom provisória nom os convencer. Com os partidos socialdemocratas clássicos dos principais Estados europeus enfrentando crises de credibilidade –de maior ou menor alcance– ante o seu eleitorado clássico, a dinámica dos movimentos sociais e a sua capacidade de pressom podem ser decisivas para decidir o jogo contra o CETA nestes próximos meses de prorroga.

INSUSTENTABILIDADE DA GESTOM DE RESÍDUOS /

Lousame, último sintoma do esgotamento de Sogama

maria rodinho
mariarodinho@novas.gal

O complexo de Sogama em Cerzeda está no limite da sua capacidade e com ele colapsa o modelo baseado na gestom centralizada dos resíduos e na sua incineraçom e verquido que foi implantado na Galiza na década de 90. Mas a administraçom nom parece apostar por umha mudança de modelo, senom que está a optar por pôr remendos a um sistema claramente insustentável. Um deles é a criaçom do que desde a Associaçom para a Defesa Ecológica de Galiza (Adega) denominam como "metástases de Sogama": novas instalaçons para seguir a soterrar o lixo.

A última, o denominado "centro de gestom ambiental" promovido por Gestora de Residuos del Noroeste em Lousame (A Corunha). "Nom é para Sogama, mas admite resíduos Sogama", explica o secretário executivo de Adega, Fins Eirexas. Esta treta é um recurso habitual na criaçom destas plantas, que nascem como depósitos de resíduos de construçom e demoliçom (RCD) ou projetos de valorizaçom ou regeneraçom de canteiras, mas admitem resíduos sólidos urbanos ou restos do seu processamento, o que abre a porta à acumulaçom de lixo nom tratado por Sogama.

O projeto da planta de Lousame, que solicitou autorizaçom ambiental à Junta de Galiza, contempla um vertedoiro de mais de mil metros cúbicos, com capacidade para receber 700.000 toneladas de lixo ao longo de 10 anos, junto à planta de compostagem do Barbança.

Nom é a primeira iniciativa deste tipo no território galego. Em Sobrado e Silheda existem já na atualidade grandes vertedoiros que recebem lixo de Sogama e em Traço e Ordes tentou-se nestes últimos meses assentar instalaçons deste tipo, desistindo a empresa no primeiro caso e ainda em fase de autorizaçom no segundo.

Oposiçom da vizinhança

O projeto para Lousame recebeu um forte rejeitamento. Vizinhanza e organizaçons ecologistas e agrárias unirom forças contra a promotora e foram apresentados vários escritos de alegaçons à Conselheria de Meio Ambiente. Os argumentos som muitos.

As instalaçons fôrom apresentadas como um centro de valorizaçom de resíduos "maioritariamente de origem industrial" e fabricaçom de CDR (combustível derivado de resíduos), ademais de armazém temporário doutros restos. Mas, segundo denúncia Adega, a sua funçom principal seria o soterramento de lixo, chegando a ser esse o destino de mais de três quartas partes do material recebido anualmente. Ademais, só o dez por cento dos resíduos seriam aproveitados para a fabricaçom de CDR.

> Plantas que nascem como depósitos de resíduos de construçom ou projetos de regeneraçom de canteiras admitem resíduos sólidos urbanos ou restos do seu processamento

Vista do vertedoiro da planta de Danigal, em Cerzeda.
a. p.

Além disso, teme-se a contaminaçom que pode causar o vertedoiro, ubicado na cabeceira da bacia que drena na ria de Noia. Junto a isto, um forte impacto paisagístico e os riscos associados aos traslados de resíduos.

Objetivos incumpríveis

Mas a oposiçom de coletivos como Adega ao vertedoiro de Lousame é, principalmente, umha oposiçom ao modelo de tratamento de resíduos que implica Sogama. Tendo em conta a legislaçom europeia, estatal e galega, a reciclagem do lixo deveria ir avançando progressivamente até atingir em 2020 umha taxa do 50 por cento, objetivo impossível de continuarmos com o modelo atual.

Projetos como o de Lousame afastam-nos da hierarquia que a Diretiva Marco de Resíduos da Uniom Europeia estabelece para a gestom de resíduos, que ordena por preferência os procedementos de prevençom, reutilizaçom, reciclagem, outras valorizaçons (como a energética) e, por último, eliminaçom.

"Portanto, o que pedimos quando defendemos umha mudança do modelo é o cumprimento de umha obriga", explica Fins Eirexas. "Seguimos umha filosofia míope. Deveríamos entender que os resíduos sólidos urbanos (RSU)

os pés na terra

a. p.

som um recurso, nom um problema", explica. "Com a implantaçom de Sogama infantilizou-se a cidadania, que nom sente responsabilidade sobre os resíduos que gera".

Baixa reciclagem e pouca eficiência energética

Adega calcula que o macro vertedoiro da Areosa, no complexo de Cerzeda, acumula já uns cinco milhares de toneladas de lixo. "Argumentava-se que com Sogama iam eliminar-se os vertedoiros, mas o que aconteceu é que se concentrárom na Areosa, como quem esconde o lixo baixo o tapete", di Eirexas.

Os dados de reciclagem de Sogama som paupérrimos. O passado mês de novembro, obrigada pela Lei de Transparência, a sociedade presentava a sua Memoria de Sustentabilidade 2009-2015. Os próprios dados oficiais revelam umha taxa de reciclagem do 3,3 por cento. Umha quantidade ridícula e muito afastada dos objetivos.

Além disso, explica Eirexas, o balanço energético da planta mostra umha eficiência inferior à necessária para ser considerada valorizaçom energética. "Trata-se de eliminaçom noutra fase", aclara. Só os interesses de Gás Natural Fenosa, parceiro da Junta em Sogama, podem explicar a obstinaçom em defender a utilizaçom de grandes quantidades de lixo para gerar eletricidade

Compostagem do Barbança

Precisamente em Lousame está a planta de compostagem do Barbança, exemplo de um modelo diferente de gestom de resíduos. Nas instalaçons da Mancomunidade da Serra do Barbança conseguem-se as as melhores cifras de reciclagem de Galiza, com um 34 por cento e 34.000 toneladas gestionadas cada ano. Ademais, os mais de 150 postos de trabalho da planta invalidam os apelos ao emprego esgrimidos tantas vezes pelos defensores dos vertedoiros.

Todo isso numha planta que oferece umha cobertura comarcal, recolhendo o lixo de nove municípios e dando serviço a umha populaçom duns 80.000 habitantes, em oposiçom ao modelo centralizado de Sogama. "Os sistemas descentralizados atendem à dispersom", explica Eirexas, que defende que deve ser possível "que o lixo nom saia do bairro" onde se gera e aposta pela reciclagem comunitária. Os sintomas do colapso do modelo Sogama venhem a dar a razom a todas as que alertárom do erro da sua posta em marcha.

Tendo em conta a legislaçom, a reciclagem deveria atingir em 2020 o 50 por cento, objetivo impossível com o modelo atual.

Precisamente em Lousame está a planta de compostagem do Barbança, exemplo de um modelo diferente de gestom de resíduos.

As 'Sogamas B'

Assim denominam em Adega os vertedoiros já operativos ou em projeto que tenhem por objetivo aliviar a saturaçom do macro vertedoiro da Areosa. Os principais som:

Traço

Em junho a empresa promotora, González Couceiro, desistiu do projeto, para o que já tinha solicitado autorizaçom ambiental. Na paróquia de Campo estivo prevista a construçom de umha planta para a valorizaçom das cinzas produzidas na queima de resíduos em Sogama. O espaço escolhido para a instalaçom era a antiga canteira da Picouta, com notável mal-estar na vizinhança. Com queixas polo obscurantismo com que foi levada a iniciativa, as vizinhas organizárom-se na Associaçom A Picouta e acabárom por forçar o presidente da câmara, José Dafonte (PP), a emitir em maio um comunicado em defesa de um "concelho rural e sustentável ambientalmente". A preocupaçom gerada polo projeto foi máxima: temeu-se polas conseqüências para a saúde humana e do gado, da presença de diversos metais nas cinzas e pola hipótese de que contaminassem o ar e as águas da zona.

Silheda

Foi aberto em 2002 sem autorizaçom ambiental e em 2011 sofreu um incêndio provocado que originou umha nuvem tóxica. O vertedoiro de RCD de Campomarço, ubicado ao pé dumha mina de áridos, é o de maior capacidade deste tipo na Galiza e reanudou a sua atividade a princípios de 2016. Desde esse momento, as vizinhas da paróquia da Bandeira venhem denunciando que se depositam resíduos sem selecionar e a Asociaçom de Recicladores de Construçom e Demoliçom (Arcodega) apresentou umha denúncia perante a fiscalia por funcionar como um vertedoiro indiscriminado.

Sobrado

As instalaçons da empresa Gestán nas Pias, Sobrado dos Monges, também tenhem sido objeto de polémica pela natureza dos resíduos lá depositados e as condiçons de isolamento dos seus vasos. A sua finalidade inicial era o tratamento de RCD, mas o vertedoiro de Sobrado recebe boa parte do lixo que nom é reciclado em Nostiám (A Corunha).

Ordes

Se o projeto de Traço era paralisado em junho, nessas mesmas datas solicitava autorizaçom ambiental Reciclaje Ambiental Lesta para instalar um vertedoiro de resíduos de construçom e demoliçom (RCD) no município de Ordes. Trata-se de umhas instalaçons situadas na paróquia de Lesta e pensadas para apagar mais de 80.000 toneladas anuais com umha vida útil de 20 anos. A empresa promotora já tinha tentado esta mesma iniciativa em 2012, mas fora rejeitada por afetar águas com anfíbios protegidos. As vizinhas da zona temem poda verter contaminantes à bacia do Tambre e, à espera do ditame da administraçom, a associaçom constituída para frear a planta trabalha para evitar a sua autorizaçom. A corporaçom municipal de Ordes e a Deputaçom da Corunha já se pronunciárom unanimemente em contra.

maria álvares rei
mariaalvaresrei@novas.gal

Anna Gabriel cita-nos no Parlament, um espaço onde confessa que nom termina de se sentir cómoda polas cumplicidades pessoais que se podem tecer com os adversários políticos da CUP e nas quais ela nom quer entrar. Fala connosco porque, como diz, sempre deixa um espaço para os meios alternativos que define como garantes do auténtico jornalismo. Conversamos sobre os retos da esquerda independentista no momento atual, da posiçom da CUP como força decisória no Parlament e do processo constituinte numha legislatura de exceçom que rematará com a celebraçom do referendo para decidir o futuro do Principat.

ANNA GABRIEL, DEPUTADA DA CUP /

"Esquerda independentista é querê-lo todo e jogar com as fendas que se podam abrir"

ángel garcía

A CUP nasce em 2000 com o objetivo de fazer política nas vilas e municípios em base às suas realidades. Mas o que foi que levou a CUP para o Parlamento?

Nas vilas havia umha implantaçom relativamente lenta mas com um nível de enraizamento muito forte que dava muita entidade ao nosso projeto no ámbito municipalista. Um primeiro debate neste sentido dá-se em 2009, aqui é umha maioria da assembleia que entende que é precipitado ir às eleiçons ao Parlament. Em 2012 já é maioritária a militância da CUP que entende oportuno que a nossa voz seja escuitada para além dos municípios.

A nossa primeira legislatura começa em 2012 com três parlamentárias. Em 2015 é quando se produz o nosso maior crescimento, passando às treze parlamentarias atuais e as mais de 300 concelheiras por todo o território. Nunca saberemos qual é a relaçom exata de causa-efeito: se o bom trabalho nos municípios ajudou a ser um ator a nível supramunicipal ou, ao invês, se o facto de existirmos na politica institucional ajuda a criar núcleos na base.

Olhando para atrás achas foi umha boa decisom?

Sou das que votou 'nom' nas duas assembleias. Aprendemos muito das esquerdas que nos precedérom e todas as alertas sobre os perigos da intervençom política nas instituiçons som poucas. Mas somos cientes de que o municipalismo nom ocupa lugar nas capas nem gera grandes titulares. Estamos num momento que semelha que a política de verdade só é a institucional.

Eu era das que achava que ficava ainda crescimento em chave municipal, sobretudo arredor do país. O nosso nom é um projeto em chave de Principat, é um projeto de Países Catalans. É evidente que a implantaçom do municipalismo de libertaçom era ainda muito débil nas Ilhas, na Catalunha Nord ou no Pais Valencià. As que votamos 'nom' entendíamos que a concorrência às eleiçons de 2012 contribuiria a que o Principat estivesse numha dimensom política muito diferente da qual se pudesse dar no conjunto do território.

Contudo, as que nos devemos á cultura assembleária, figemos campanha e participamos da entrada ao Parlament.

Pensas que a entrada nas instituiçons tem relaçom com a perda da militância na rua?

Trata-se de umha combinaçom de ciclos naturais de mobilizaçom. Havia todo um dispositivo de pessoas que antes estava na briga da rua e agora está em instituiçons. Isto é objetivo, e ademais já tem acontecido noutros momentos da história.

Urgiria um debate coletivo para além de siglas que nos permita fazer umha radiografia das necessidades e poder distribuir os poucos recursos de que dispomos, de forma que nom descapitalicemos determinados espaços para colocar pessoas nas instituiçons.

Em 2011 CiU converte a independência na soluçom para a crise económica. A partir deste momento o discurso independentista fai-se transversal. Como gere isto a CUP?

Quem fam transversal a reivindicaçom independentista som as pessoas, quem desborda as ruas som as pessoas, e quem corrige a Convergència quando advoga por um pacto fiscal também som as pessoas. Esta gente, longe de ser um lóbi identificado com umha determinada classe social, provém de origens mui diversas.

É evidente que para as que entendemos a independência como um motor de transformaçom acompanhada da libertaçom social, o que nos pom em contradiçom é fazer alianças com forças políticas com as que nom partilhamos nem a sua conceiçom de independência nem o modelo de país nem de território.

Na outra banda, na do statu quo vigente do Estado espanhol, também há forças de direitas com as que nom partilhamos nem o modelo educativo, nem cultural, nem social nem económico.

Nas duas bandas teremos forças políticas adversárias, mas no marco do Estado espanhol pensamos que nom há margem para transformaçom e na banda das que apostam na independência entendemos que sim.

Na Galiza há sectores do nacionalismo que pensam que a

Mulheres da esquerda independentista catalana num ato de denúncia dos insultos machistas contra cargos públicos da CUP

“O processo constituinte tem que permitir situar o feminismo como eixo transversal”

Feminicídios, desigualdades salariais, abusos contra as mulheres, micromachismos... Como luita a CUP contra o patriarcado?

Quando falamos em processo constituinte e em rutura com o estado também falamos nisto. Neste país nom houvo um processo constituinte desde o 36. É dizer, nom fica ninguém vivo que nos poda falar aqui de processo constituinte. Mas o que este significa é pôr a debate todo, todas as regras vigentes até o de agora.

Há pouco estivo aqui umha ministra de Bolívia e falava de como no seu país participárom muitos coletivos de mulheres na nova Constituiçom e nela ficam recolhidos o tema dos cuidados, as nais solteiras e está tipificado como delito o insulto misógino às mulheres com cargos públicos.

Os processos constituintes tenhem que ser processos de participaçom que nos permitam situar o feminismo como eixo transversal de todas as políticas e para isto temos que aproveitar a ebuliçom atual do movimento feminista. O feminismo nom se parará, nom está disposto a que depois da independência e de conquistar toda umha bateria de direitos lhe toque o turno a ele.

Como se combate o machismo dentro da própria organizaçom?

O heteropatriarcado impregna-nos a todas, também às nossas militantes, e portanto nom estamos isentas de um sistema que bombardeia com mensagens que situam a mulher por baixo do homem. Nos últimos tempos muitas das nossas militantes figeram um trabalho de revisom, de formaçom e de conscientizaçom que nos situa em melhores condiçons que parte da populaçom. Somos cientes de que temos que fazer mais, ser mais ativas, menos tolerantes com situaçons que se produzem e mais contundentes.

Por exemplo, a CUP nom respondeu os insultos machistas às mulheres com cargos públicos dentro da CUP. Fôrom as companheiras feministas da esquerda independentista as que saímos publicamente dizendo basta de insultar-nos de umha perspetiva misógina.

Figemos visível que se nos estava a insultar só por sermos mulheres. Falavam de “putas, velhas, malfolladas”... nom nos diziam comunistas, antissistemas e amigas de Venezuela.

a terra treme

CUP está apostando mais na política de direitos sociais em detrimento da construçom nacional...

Nem coincido com quem nos querem ver como umha força política que fijo um pacto com a burguesia e abandonou o espírito de tranformaçom nem com quem pensam que todo o que estamos reivindicando em chave social ou feminista é pôr paus nas rodas a luita independentista. Penso que estas leituras venhem de posiçons que nom aglutinam todas estas demandas no seu ideário.

Nós ao mesmo tempo que investimos a um presidente de um partido como Convergència estamos dizendo 'nom' a uns orçamentos que nom reuniam uns mínimos. Isto é esquerda independentista: querê-lo todo e jogar com as fendas que se podem ir abrindo.

Se Catalunha conseguir a independência, como afetará às outras naçons sem estado?

A nossa tese é que a independência de qualquer naçom sem estado contribui à democratizaçom do estado. Nom imaginamos que um revulsivo de qualidade democrática como o exercício da autodeterminaçom nom faga um Estado espanhol melhor, já que contribuirá a abalar os cimentos do regime.

Gostaríamos de pensar que no resto de estado vem em nós umha via de democratizaçom. Nom só as naçons sem estado, também a gente trabalhadora do Estado Espanhol que tampouco merece o estado que tem. Ainda nem sendo umha naçom sem estado, tés de querer que este rompa com o franquismo definitivamente. Grande parte do problema é que fica muito franquismo institucional, político, judicial e económico e qualquer afám democrático contribuirá a romper com esse passado e presente nefasto.

Em momentos chaves da legislatura o foco mediático pujo-se na CUP para tentar inclinar a balança de umha banda. O chamado "pressing CUP". Achas soubestes explicar bem o vosso posicionamento?

Nos cálculos eleitorais nom se esperava um cenário em que nós fôssemos um agente decisivo. Nem nós mesmas figéramos esta projeçom. A gente que vem dos ateneus e as antissistemas tenhem a capacidade de artelhar maiorias e minorias. Isto leva-nos a várias reflexons: Primeiro, a da cultura política imperante neste país, acostumada a umha dinámica de maiorias mui sólidas. Segundo, a de que tipo de meios de comunicaçon temos, um dos grandes temas a debater no processo constituinte: os meios públicos e o exercício de lóbi que lhe fam a determinadas classes sociais, o papel dos meios privados e como de esquecidos temos os meios comunitários. O terceiro elemento é quanto custou encontrar em determinados debates tertulianos que explicassem com rigor o nosso posicionamento enquanto na rua era muita a gente que nos entendia. Nesses dias fôrom muitas as que nos mostrárom o seu apoio e se indignárom por como nos tratavam os meios.

ángel garcía

"Havia todo um dispositivo de pessoas que antes estava na briga da rua e agora está em instituiçons"

"Gostaríamos de pensar que no resto de estado vem em nós umha via de democratizaçom"

Quando Anna Gabriel era moça e começava a militar, imaginava que seria assim a independência de Catalunha, agora que fica tam pouco para consegui-la?

A resposta seria nom. Quando era nova tinha um cartaz no meu quarto que me pujera a minha nai, militante do PSUC, e que me acompanhou muitos anos. Lembro perfeitamente: nele havia imagens da Nicarágua sandinista, da África do apairtheid, das mulheres palestinianas... Sempre vinculei a liberdade do meu povo a esta ideia de justiça gigante. Isto fai que a nível pessoal me sinta violentada por pequenas injustiças quotidianas mas também polas grandes injustiças internacionais. Nom vou sentir que o meu povo é livre só por ver umha Catalunha independente.

Vejo aqui a perseguiçom dos manteiros de Barcelona e essas imagens remetem ao meu cartaz: um polícia branco pisoteando um moço negro. Isto passa aqui e agora, acontecerá de novo amanhá... A independência tem que servir para acabarmos com estas imagens.

Que trabalho tem por diante a CUP o dia que Catalunha seja um país livre?

Todo. Suponho que haverá pessoal que se desmobilizará quando se consiga a República catalá. Nom sabemos como será o processo constituinte, até onde chegará, quais maiorias somaremos com umha vontade para nacionalizar certos setores estratégicos nem se ganharemos a batalha da educaçom pública. Portanto, é muito provável que nom cheguemos a atingir todos os nossos sonhos. Nós nom propomos outro caminho que o de seguir militando, de entrada e de forma muito clara, na construçom nacional.

o bom viver

ronséis / Lendas dos Ancares / **24**

país / Nugalhás / **28**

ronséis / Luzes na noite / **29**

cultura / A feijoa de Feijó / **30**

Mulheres a vogar

Infelizmente quotidiano e omnipresente, o machismo também nom é alheio ao mundo do remo. Assim, nom resulta infrequente escuitarmos praticantes masculinos deste desporto a se queixarem de supostos tratos de favor que receberiam as mulheres remeiras, tanto no tocante aos recursos materiais quanto à consideraçom e promoçom da prática desportiva.

A organizaçom e o protesto das próprias remeiras foi a causa principal dos paulatinos avanços que tivérom lugar nos últimos anos no campo do remo feminino, tais como um certo reconhecimento desta vertente da disciplina face ao seu correlato masculino ou a posta em andamento de novas competiçons. Porém, ainda resta muito por andar no caminho da igualdade. Da mao de Ismael Saborido vamos conhecer os logros recentes e os reptos futuros para o remo feminino. página **26**

a. p.

Lendas dos Ancares

xabier moure

Para os galegos, a pedra é algo mais que o mineral sólido que se encontra de jeito natural na superfície ou no interior da terra. Polo contrário, nas nossas penas lateja o mistério. Nas lajes graníticas os nossos devanceiros esculpírom os ininteligíveis petróglifos; gigantescas penas abaladoiras desafiam todas as leis do equilíbrio; nas inúmeras penas do altar que inçam a nossa geografia oficiavam-se práticas religiosas; muitas penas sandavam doenças físicas e mentais...

Na comarca dos Ancares há poucas penas sem batizar, que careçam de nome. E também poucas que nom tenham associada umha história ou umha lenda. Aí vai umha pequena amostra.

Na Pena da Cruz, situada no cume do monte Reboredo, na paróquia de Sam Miguel de Neira de Rei (Baralha), colocárom umha cruz de ferro em finais dos anos setenta do passado século. Diz-se que substituiu outra mais antiga. Na pena onde a chantárom havia umhas covinhas artificiais (petróglifos) onde, ao parecer, a auga da chuva que se depositava no interior era utilizada para curar enfermidades relacionadas com os olhos.

Em Vilouta (Becerreá) está a Pena de Páscoa, situada nom mui longe do dólmen da Pedra Cobertoira. Aqui comiam os pegureiros que cuidavam das ovelhas. Na pena há umha espécie de banzo onde se juntavam os Mouros.

As Penas Mulheres acham-se por riba da aldeia das Casas do Rio (Cervantes). Em tempos que ninguém lembra, umhas mulheres que vinham do Folgoso por um antigo caminho virom-se, de súpeto, rodeadas por umha manada de lobos. Desesperadas, e quando os lobos já se iam botar sobre elas, gatunhárom polas verticais penas, decisom que lhes salvou a vida.

Em Chandeiro (Cervantes) ergue-se a Pena do Vinho. Recebe o nome porque junto delas se punham os vizinhos com garrafons de vinho para os vender aos que passavam polo lugar.

Nom mui longe da anterior temos a Pena da Noiva. Foi assim batizada porque junto dela casou umha moura que custodiava um tesouro.

O castro da Pena Talhada situa-se no Faval (Cervantes). O nome dá-lho umha grande rocha cunha fenda de mais de quinze metros. Diz-se que desde aqui existe um túnel que vai dar ao rio e que era utilizado polos mouros para ir a beber, tanto eles coma os cavalos.

A 1.403 metros sobre o nível do mar ergue-se a Pena do Santo (Cervantes). Conta-se que os vizinhos das aldeias dos arredores costumavam levar um santo até o cume cada vez que precisavam da sua ajuda. Umha vez na parte mais alta do monte, colocavam-no sobre a pena (destruída ao construir um vértice geodésico),

punham-se em círculo arredor da imagem e faziam as petiçons. Finalizado o ritual, baixavam-no de novo para a igreja de Dorna. No verao de 2014 localizamos no sítio várias lousas com cruzes gravadas.

As Penas do Relógio do Sol atopam-se na ladeira do Pico de Súrcio, a 1.456 metros de altitude, no limite entre o concelho de Návia de Suarna e Leom. Trata-se de duas enormes pedras de xisto, paralelas entre si, que eram utilizadas polos vizinhos para saber a hora, que se calculava dependendo de onde o Sol pousara os seus raios. Quando a sombra se apoderava do sítio sabiam que nom tardaria em "botar-se a noite", polo que procediam a recolher o gado para metê-lo nas cortes e eles nas casas.

A Pena da Noiva, no concelho de Cervantes
carla trindade

A aldeia de Penamil (Návia de Suarna) acha-se a 470 metros de altitude. Sobre um pequeno curuto há um castro mui humanizado por construçons e usos posteriores. Do primitivo assentamento ainda se podem ver as pedras graníticas que faziam parte da muralha. Mais essas pedras, segundo a lenda, nom fôrom levadas ali polos construtores, senom que chegárom por causas naturais. Diz-se que há milheiros de anos o lugar foi assulagado por um terrível dilúvio, foi tanta a chuva que caiu que o rio Návia, que decorre cem metros mais abaixo, subiu tanto o seu caudal que arrastou até Penamil as pedras que se podem ver hoje em dia.

Num furado da Pena do Corvo (Návia de Suarna) havia agochada umha cozinha de ouro. Ao chegar havia que batê-la com umha pucha ou com um pano e dizer: "Toma a minha pobreza e dá-me a tua riqueza". Entom, abria-se o chao que levava a outro furado onde estava o ouro ao que só tinham acesso os vizinhos de Várzea. Gentes doutras aldeias próximas, ciumentas, armárom-se um dia com chapos e fouços para colher a cozinha. Sabedores os de Várzea, agochárom-se no lugar e quando os assaltantes começárom a cavar, berrárom: "Covardes, baixai, que há carne fresca". Os outros assustárom-se, tirárom as ferramentas e fugírom.

Nos Ancares há poucas penas que careçam de nome e também poucas que nom tenham associada umha história ou umha lenda.

Acaroada à estrada que vai de Folgueiras a Rao (Návia de Suarna) temos a Pena Castelo. Contam que num momento nom precisado da Idade Média, o castelo foi assaltado e destruído, disque o lugar onde os atacantes situárom os canons quedou ermo para sempre pola grande quantidade de pólvora utilizada que por queimar, queimou até as pedras.

Nom mui longe de Múrias (Návia de Suarna) há um colossal penedo de paredes verticais de lousa com covas na base. Conta-se que quando umha partida carlista fugia das forças liberais, e por medo a que estas se apoderassem do tesouro que levavam, decidírom agochá-lo na Pena de Múrias. Apesar de que fôrom muitos os que desde aquelas o procurárom, jamais lográrom dar com ele. Diz-se que está agochado no único ponto da pena de onde se divisa o campanário da igreja de Rao.

Entre Embernalhas e Munhis (Návia de Suarna) topa-se a Pena da Mulher. Em tempos das Cruzadas, duas mulheres de Embernalhas, mai e filha, iam à missa a Munhis. Ao passarem por Rigueiro decatárom-se de que esqueceram na casa um bolo que ofereceram ao santo. Entom, a mai pediu à filha que voltasse a buscá-lo, mais esta recusou-se. A mai, encabujada, largou-lhe: "Oxalá te convertas em pedra". Quando a mai regressou com o bolo, no lugar onde tinha que estar aguardando a rapariga havia umha pena com a forma do seu corpo.

No monte da Choulinha, na paróquia da Alence (As Nogais) está a Pena do Peido. É de forma circular, a modo de mesa camilha. Quando havia rabanhos de cabras e ovelhas, os pegureiros subiam a ela para vigiar o gado e espaventar o lobo.

Trainheira de Cabo da Cruz na regata de Hondarríbia
Daniel Vázquez

A longa travesia das remeiras

ismael saborido

Como em muitos outros âmbitos o mundo do remo também está cheio de machismo. Escuita-se isso de "já tenhem mais direitos que nós" e nom é estranho ouvir um remeiro queixar-se dos "benefícios" que obtenhem as suas companheiras polo feito de serem mulheres. Entre estes benefícios está que o club compre um jogo de remos novos para a equipa feminina quando a equipa masculina tem três e elas até agora estavam a usar um jogo de remos reciclados que eles desbotaram logo de usa-los durante três ou quatro temporadas. Ou que as regatas femininas também sejam retransmitidas por televisom e deste jeito se mova o horário em meia hora da competiçom dos homens, quando a televisom só retransmitirá umha regata de mulheres por cada três masculinas.

Os avanços

Graças às demandas e protestas de muitas remeiras, nos últimos anos derom-se passos importantes cara a normalizaçom da situaçom da mulher no remo. No ano 1998 ainda nom tinham permitido participar em campeonatos estatais em nenhuma das modalidades de banco fixo. Precisamente até o campeonato estatal de bateis de 1998, celebrado em Santander, as remeiras só podiam participar no que se denominava troféu FER que se disputava simultaneamente ao campeonato estatal dos homens mas no que nom se entregavam bandeiras de campeoas ou medalhas às equipas que conseguiam entrar no pódio. Em essa ediçom, as remeiras galegas de Vila de Cangas repartirom camisolas entre o resto de equipas com a legenda "nom ao troféu FER" para levarem-as ao subirem ao palco de autoridades onde se entregava o mencionado prémio. Posteriormente, subirom com uma faixa para protestar contra a discriminaçom à que estavam submetidas. Entom, os representantes da Federaçom virom-se forçados a repartirem entre as raparigas as medalhas que estavam reservadas para os suplentes das equipas masculinas. Possivelmente este ato fosse um ponto de inflexom para o reconhecimento dos direitos das remeiras.

Anos depois já podiam competir em batel e trainheirinhas, as embarcaçons mais pequenas das três existentes na modalidade de banco fixo, mas a trainheira ainda se mantinha proibida para as mulheres. No verao de 2005, na localidade de Hondarribia (Euskal Herria) celebrou-se a primeira regata fe-

Protesto das remeiras do club Vila de Cangas durante o Campionato estatal de batéis, em Santander em 1998

minina de trainheiras da história, mas de forma nom oficial e sem prémio económico. Esta regata foi ganhada por umha equipa galega, Cabo da Cruz, e a pesar de carecer de transcendência mediática, foi o início das regatas de trainheiras femininas.

Em Setembro de 2008 organiza-se a primeira bandeira feminina da Kontxa, a regata de maior prestígio no mundo do remo, que se celebra na sua modalidade masculina desde 1879. Meses mais tarde, o 14 de Janeiro de 2009 presenta-se em Donostia a liga feminina de trainheiras, com o apoio da ACT (Asociación de Clubs de Traineras), e com a presença do Lehendakari Juan José Ibarretxe. Cumpre lembrar que tanto a primeira ediçom da bandeira da Kontxa como da liga som conquistadas por umha equipa galega, um combinado formado por remeiras de Cabo da Cruz, Chapela e Samertolameu de Meira.

O trabalho pendente

A situaçom do remo feminino melhorou notavelmente durante os últimos vinte anos e todos estes avanços forom importantes, imprescindíveis, para o reconhecimento dos direitos das remeiras, mas no dia a dia a desigualdade é notória; umha desportista ganhadora de três Kontxas comenta que "antes da regata masculina da Kontxa, os remeiros do meu club, motivados, dizem em tom de brincadeira que vam ser a primeira equipa galega em ganhar essa bandeira. 'Eu tenho tres', respostei orgulhosa. Os companheiros que estavam arredor botarom a rir, e retrucarom 'falamos da Kontxa de verdade'". Outra remeira, sobre a mesma competiçom, pom outro exemplo: "clasificar-se para a final da Kontxa é algo inesquecível, mas a falta de apoio é desmoralizadora. Vermos, por exemplo, que a viagem que está programada para as siareiras se cancela, já que a equipa masculina nom se classificou... Dam ganas de chorar."

"Nós vínhamos de ser ganhadoras e eles nem se classificaram para a final, mas quando o clube compra um batel novo é para eles".

Formalmente ainda resta muito por fazer: os prémios económicos de muitas competiçons som inferiores na categoria feminina, e em outras o número de embarcaçons participantes é muito inferior. Na liga feminina só permitem competir a quatro trainheiras enquanto na liga masculina há doze. Em outras ocasons nom retransmitem a regata feminina enquanto sim as regatas masculinas, mas nunca sucede ao contrário. Na prática, em caso de ter que suprimir-se a emissom de alguma regata sempre é a feminina a que fica fora.

Em questons formais, ficam cousas por melhorar, mas do ponto de vista de muitas remeiras, onde mais há que fazer é no dia a dia, nas relaçons de poder dentro dos clubs: "Nós vínhamos de ser campeoas e eles nem se classificaram para a final, mas quando o club compra um batel novo é para eles." reconhece outra desportista.

No reparto do espaço também há discriminaçom, e justificado na inferioridade numérica, as mulheres saem habitualmente pior paradas; para elas os vestiários mais pequenos ou em piores condiçons; para elas os remos e o barco mais velho... Umha desportista denúncia "quando adestrávamos no ginásio, as raparigas tínhamos que parar e deixar-lhe o sítio aos homens assim que eles chegavam. A pesar de obtermos melhores resultados que eles."

Para além de que nom existir umha adaptaçom dos treinos às particularidades físicas das mulheres ligadas à menstruaçom "imagina-te fazer umha semana de carga (semana mais dura dentro do ciclo do treino) quando che vem a regra." ou mesmo à gravidez, "no campeonato galego eu estava de quatro meses", reconhece outra companheira.

Nos clubs, como espaços mistos e sem trabalho para identificaçom de atitudes machistas, o acoso por parte dos companheiros acontece frente o consentimento geralizado "algum pensará que somos surdas, há pouco que escuitei 'mira como se lhe marcam as cachas com essas malhas!' e todos a rir-lhe a babosada".

O feito de que já nas categorias inferiores haja só umha nena por cada dous ou tres nenos nom é casual. Para muitos, o remo é um desporto duro, para homens com muitos pelos no peito e calos nas maos, um desmobilizador para as raparigas por questionar a ideia de feminidade. Esta mentalidade por parte ainda de muita gente provoca que as cativas sejam estimuladas para atividades mais "femininas".

Assim com tanto trabalho que fazer por diante, cumpriria seguir a máxima de Kelley Temple: *"Os homens que desejam ser feministas nom precisam de um lugar definido dentro do feminismo. Eles devem tomar o espaço que já tenhem dentro da sociedade e fazê-lo feminista"*. Pois nom nos há pouco trabalho por diante no remo, e já estamos a tardar.

RECANTOS /

Nugalhás: centro da Galiza

xavier sánchez pazos

Nugalhás. Nem Lalim, nem Doçom, nem Melide. Tampouco Monterroso, Santiso ou Chantada. Nem tam sequer em Agolada, em Rodeiro ou nalgum outro lugar de Antas de Ulha. Nom, o centro geográfico da Galiza, polo menos da Galiza autonómica[1], está numha aba do Farelo, no lugar de Nugalhás. É admirável o esforço de todos estes concelhos por reivindicar a sua condição de cerne geográfico do país. Uns esforços muitas vezes promovidos polas respetivas autoridades municipais e que calham no imaginário popular das gentes do lugar que o reivindicam com orgulho. Mas o veredicto do GPS é inapelável. O centro do país, o ponto geolocalizado polo SITGA (Sistema de Informaçom Territorial da Galiza), acha-se nas coordenadas *Longitude Oeste 7 graus, 54 minutos, 28,5 segundos, e Latitude Norte 42 graus, 45 minutos, 23,3 segundos, coordenada UTM Fuso 29*, em Nugalhás, pertencente à paróquia de Santa Maria de Arcos no concelho de Antas de Ulha.

Nugalhás tem um nome que alude à nugalha ou à condiçom preguiceira dos seus habitantes, mas o certo é que aqui a natureza e as pessoas figêrom o seu trabalho com consciência. O resultado: umha paisagem fundamente humanizada, um lugar aplanado, inçado de carvalheiras e soutos, frondoso, verde, húmido, deitado nas abas da Serra do Farelo a 659 metros de altitude. Nugalhás cai ligeiramente do lado de sota-vento do Farelo e, portanto, da face leste da dorsal galega. Isso faz com que as abundantes águas da zona, derivadas dumha forte pluviosidade e drenadas polos regos das Veigas, Lebosende e Amarante, caiam para o nascimento do Ulha e nom para o rio Arnego que já desce de Rodeiro para Agolada.

Nugalhás tem muito de metáfora da Galiza rural atual, marcada polo abandono, o despovoamento e, às vezes, polas atuaçons públicas pitorescas. A aldeia tem dous ilustres vizinhos, umha venerável senhora, Olga, e o seu filho, que moram numha das quatro ou cinco casas do lugar. Dous vizinhos e duas paróquias, porque se do ponto de vista religioso Nugalhás pertence a Santa Maria de Arcos, civilmente encontra-se sob a jurisdiçom da paróquia de Sam Fiz de Amarante. Umha forma muito galega de se situar no território. O anonimato dos seus habitantes viu-se alterado em 2007 quando transcendeu aos meios de comunicaçom que o Concelho adquirira umha parcela próxima à sua casa na qual radicava o centro geográfico da nossa terra. Daquela o Alcaide tivo a pouco original ideia de anunciar que o Concelho ia mercar a leira e prometer "pô-lo em valor", como se diz agora quando se quer tirar benefício económico de cousas intangíveis, bens imateriais ou paragens naturais. Depois do anúncio, poderíamos temer o pior mas tudo ficou aí. Nem o Concelho mercou a leira, nem a "puxo em valor". Quase melhor que assim for.

O lugar exato em que se localiza a leira é umha carvalheira em que medrárom várias dúzias de eucaliptos que alguém esqueceu cortar. Sim, o coraçom da Galiza é um ferrado em que medram e convivem duas árvores antitéticas, o carvalho, símbolo da frondosidade autóctone da nossa terra, e o eucalipto, a árvore com pior reputaçom do país, a besta negra das invasom florestais alóctones.

Para chegar a Nugalhás, recomendamos fazê-lo desde Rodeiro, atravessando todo o vale de Camba, umha terra velha afastada das grandes vias de comunicaçom e delimitada a leste polas abas da serra do Faro. Cumpre fazer o percurso devagar, detendo-se nas múltiplas aldeias que enchem o vale, para contemplar umha paisagem agrícola humanizada mais nem esfarelada nem desordenada. Chama a atençom a frondosidade da vegetaçom autóctone e a viçosa verdura dos prados em que procuram alimento um importante número de cabeças de gado vacum. Ao longo do caminho, saltam à vista as pegadas da história no património arquitetónico. Paga a pena deter-se nas igrejinhas románicas como a de Santa Maria dos Arcos ou na Casa Forte ou Paço de Camba, outrora berço dos poderosos Senhores de Camba. Infelizmente, as eólicas também fazem parte já da paisagem das terras altas da dorsal galega.

Num país como o nosso, com umha forma semelhante à dum quadrado recortado, é doado localizar o seu centro com um simples olhar no mapa. De tirarmos umha linha que fosse de Nugalhás aos quatro pontos cardinais da Galiza autonómica, teríamos o Cabo da Nave a 115 km, a Estaca de Bares a 116, Fezes (Verim) a 112, e Lardeira (Carvalheda de Vale de Orras) a 107. Estas distâncias relativamente curtas fam com que acarom do céntrico Nugalhás, elevados nos altos do Farelo (956 metros) ou no Faro (1.187 metros), podamos olhar boa parte do país longitudinalmente, vendo os Ancares nevados mentres olhamos os avións aterrar em Lavacolha. Cumpre subir. Terás a sensaçom de abranger com a vista a tua terra toda.

(1) De tomarmos como referência o mapa que inclui as terras estremeiras do Berzo, devêramos mover o marco uns quilómetros para o Leste, para Chantada, Tabuada, Porto Marim ou O Savinhao, mas trás o tempo que custou que os geógrafos se pugessem de acordo, essoutro centro deixá-lo-emos para outro dia.

Luzes na noite

rubén melide
rubenmelide@novas.gal

xavier vieiro

Com certeza, ainda é hoje o dia em que falar em público de luzes noturnas é, no mínimo, um risco para a reputaçom e a credibilidade social da pessoa que reunir a ousadia de abordar o tema. Das velhas estántigas aos contemporáneos *UFOs* – passando por todo um amplo abano de resplendores, centelhas e luminárias –, as apariçons de fulgores noturnos sempre fôrom cousa de pessoas aluadas. Nom é por acaso que exista um amplo vaso comunicante entre a semántica das luzes e a da tolémia (ou mesmo da tolice), como demonstram certas polissemias acima referidas. Sendo assim as cousas, também nom admira que em qualquer publicaçom que se pretender séria e rigorosa, as gentes do coletivo editor arregalem os olhos como quem se encontra diante dum fantasma se for proposta umha simples mençom do tema que nos ocupa.

Porém, polos céus noturnos da Galiza e do mundo continua a transitar toda a espécie de auréolas e esteiras luminosas. Hoje como ontem, pessoas dos quatro pontos cardeais da nossa terra e da mais variada idade e condiçom continuam a ser testemunhas de factos seguramente explicáveis, mas cuja eventual explicaçom se vê empecida polo tabu social que ainda hoje arrastam.

Em fins de 2016, o Ministério da Defesa espanhol disponibilizava na rede oitenta relatórios com quase duas mil páginas correspondentes a avistamentos de objetos voadores nom identificados. Entre esses documentos, no seu dia classificados como secretos, há, polo menos, quatro expedientes correspondentes à Galiza. Os tempos vam da década de sessenta à de noventa, ficando o marco geográfico num triángulo compreendido entre a costa ártabra, as montanhas orientais e a área do litoral do Barbança.

Trasancos: abril de 1966

O primeiro processo OVNI galego, que o relatório do Exército espanhol situa num lugar chamado de *El Ferrol del Caudillo*, corresponde-se com o dia 2 de abril de 1966. Polas palavras da secçom de inteligência do Estado Maior do Exército do Ar, às 23:30 horas, um cabo primeiro, um zelador e dous marinheiros que prestavam serviço na estaçom de rádio da Carreira veriam no céu "um objeto volumoso de luz opaca", que variava de forma aproximadamente a cada cinco minutos. O objeto também seria visto por cima da estaçom desde Júvia por um outro marinheiro.

Bezerreá – Lugo: abril de 69

Segundo refere o relatório militar, no dia 2 de abril de 1969 às 20 horas, umha testemunha que transitava polo quilómetro 476 da estrada Madrid-Ferrol, entre Bezerreá e Lugo, enxergou desde o seu carro um objeto "em forma de bala", duns dous metros de diámetro e 5 ou 6 de comprimento, cuja superfície estava composta "por escamas de múltiplas cores" e "fortemente iluminada", ficando o referido corpo imóvel e muito perto do chao. Quando a testemunha tentou deter o seu veículo para observar o objeto com mais vagar, este já nom era visível. Neste caso, o informante militar que redige o documento assinala a consideraçom da área como "paisagem pitoresca", assim como as múltiplas curvas de nível, aventurando que a visom se correspondesse com umha miragem provocada polo efeito do sol numha rocha granítica. No entanto, o próprio informante explicita mais tarde que "nom se pode descartar que as apreciaçons da testemunha fossem objetivas e exatas".

Dezembro de 1989 e novembro de 1993: EVA-10, Monte Iroite (Barbança)

O Esquadrom de Vigiláncia Aérea número 10, situado na confluência dos concelhos de Lousame, Boiro e Porto Doçom, foi o cenário dos dous últimos processos galegos desclassificados até o dia de hoje. No primeiro dos casos, o processo seria aberto na sequência dum relatório anterior que falaria da presença dum OVNI entre Compostela e Corunha detetado por um radar às 18:48. Por sua banda, umha unidade da Guarda Civil teria visto um OVNI "de forma lenticular" perto de Sada só dous minutos mais tarde. O aparelho voaria a pouca velocidade e possuiria muitas luzes, que mudariam frequentemente. Depois de se dispararem os alarmes "por causa de três objetos", o seguimento acabaria às 21 horas.

Para o caso de 1993, seriam cinco os militares que, desde a própria EVA do Monte Iroite, iriam observar um corpo que no próprio relatório é identificado "provavelmente como um meteorito".

GASTRONOMIA /

A feijoa de Feijó

sino seco

Estamos cansados este ano de escutar o nome de Feijó, e o que resta para a frente! Mas chegou o outono que tudo faz madurar e vieram as feijoas, bem mais gorentosas.

A feijoa é um fruto de cor verde intenso, não muito grande e de forma ovoide. O sabor é complexo, um bocadinho azedo e tão aromático que há quem aborrece totalmente e quem adora. Adotam defini-lo como a mistura de amorodo, kiwi e ananás. De facto, no Brasil é conhecida como goiaba-ananás (também goiaba-serrana) pola semelhança com a primeira fisicamente e com a segunda no gosto. A sua origem está nas zonas altas do sul do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, de clima temperado. Estendeu-se por todo o mundo, de Nova Zelândia até Escócia. É curioso que sendo um cultivo habitual em muitos jardins do mundo, no Brasil começaram com a domesticação da planta autóctone há relativamente pouco tempo.

Na Galiza é um cultivo habitual das rias baixas e do sul do país, pois tampouco gosta das temperaturas baixas. Leva pouco por aqui mas o seu nome atinge-nos e tem uma história bem curiosa. Batiza a planta um alemão, Oto Karl Berg, como homenagem ao naturista brasileiro João da Silva Feijó, científico que trabalhou em Cabo Verde e Lisboa e foi colaborador do Jardim Botánico da Prússia desde o Ceará. Mas o conto tem ainda umas voltas mais, pois o autêntico nome do brasileiro era João da Silva Barroso, o Feijó foi em homenagem ao ilustre Frei Benito Jerónimo Feijó, que não era dos Peares, mas sim um dos científicos mais reputados de Europa na Ilustração. Já não entramos em que o apelido Feijó tem a ver com legumes que levam algo mais de tempo por aqui, mas que vieram de fora, da América.

Dizemos que não há unanimidade sobre o seu sabor, demasiado aromático para uns e delicioso para outros, agora que todos deveriam reconhecer as suas estupendas qualidades para a saúde. A feijoa é um alimento muito rico em iodo e em vitaminas C e B, o que a faz uma extraordinária combinação com o mel, ao gosto de cada um, para a boa saúde das pessoas. Ademais tem outros proveitos: a sua polpa tem uma parte mais granulada contra a casca que pode ser usada como esfoliante e as flores da planta, que são comestíveis no fim do seu ciclo, podem usar-se para saladas de verão.

À hora de consumir o fruto, o habitual é consumi-lo cru, sem mais elaboração que quitar-lhe a pele, pois as suas sementes são também comestíveis. Porém, há quem faz doce com eles, cozendo juntos a mesma quantidade de feijoas que de açúcar num pouco de água e logo triturando ao gosto. Deste jeito, depois podes empregar esta confeição para encher pastéis, compor outras sobremesas ou simplesmente para almoçar e assim por riba conserva-la colheita, que acostuma ser abundante e mui concentrada. Também se pode conservar por medio do açúcar fazendo marmelada de feijoa, similar à de marmelo. Pomos a feijoa já relada numa tarteira e adicionamos um copo de água para ajudar na coção, há quem amece também sumo ou casca de limão, e deixamos cozer. Uma vez que os frutos estejam cozidos trituram-se e pesam-se para adicionar a mesma quantidade de açúcar, ou um chisco menos, e voltamos pôr tudo a lume não muito forte 20 ou 30 minutos. Depois há que esvaziar a pasta que resultou em formas apropriadas para que arrefece e solidifique a nossa marmelada.

Ainda vos propomos uma outra forma um chisco mais elaborada para desfrutar dela, a bavaroise. Trata-se duma sobremesa que não precisa frio para se fazer e à que lhe vão muito bem os matizes aromáticos da feijoa e das frutas em geral. Primeiro de nada, cozemos meio quilo de feijoas com 200 gramas de açúcar numa pouquinha de água, trituramos e apartamos. Misturamos 100 gramas de açúcar, seis gemas de ovo e medio litro de leite inteiro, pomo-lo tudo ao lume e imos remexendo com jeito ata que espesse um pouco, misturamos a fruta cozida e triturada e, sem deixar que perda temperatura, juntamos 10 folhas de gelatina (ou equivalente) que já teremos hidratadas de antes. Por último batemos 400 ml. de tona de leite e 50 gramas de açúcar e adicionamos o resultado cuidadosamente à mistura anterior já morna. Só nos resta meter em formas e deixar na geladeira umas horas antes degustá-la à saúde de Feijó, o de Pereiro de Aguiar, claro.

HUMOR / BETO

Confusão, de Mincinho; quadrinho nom publicado no número 151 ao que fai referência o quadrinho de Beto reproduzido sobre estas linhas.

PALESTRA 'TOTEM E TABU'. Íria Veiga, psiquiatra e participante da Coordenadora do Movimento Galego de Saúde Mental (MGSM) falará nos mitos e meias verdades sobre a doença mental.
CS ARTÁBRIA, FERROL
SEXTA FEIRA 27 DE JANEIRO às 20H

CERTAME DE MÚSICAS EMERGENTES 'ECLOSOM'. Fecha-se o praço de inscriçom e apresentaçom de trabalhos musicais neste concurso que promove novas formaçons em galego e a visibilizaçom das mulheres no eido da música.
CS PICHEL, COMPOSTELA
TERÇA FEIRA 31 DE JANEIRO às 23:59H

PROJEÇOM: 'EM TODAS AS MANS'. Este documentário, produzido por Trespés Soc. Coop. Galega e realizado por Diana Toucedo, explora a história e atualidade dos montes em vizinhais em mao comum.
A GALLEIRA, OURENSE
QUINTA FEIRA 2 FEVEREIRO às 20H

(vem da página 31)

chisco de uísque, um dedo, umha lágrima, e com anis na sobremesa. Ao fim da tarde, um vinho, e acaso um pouco de uísque antes de me deitar, sem café esta vez, claro está que proibido polo médico, mais apenas umha faísca, umha gota bem medida. O copo mais breve de toda a história do alcoolismo com remorsos.

5. Sou sincera. Nom quero fazer este país grande de novo. Quero fazê-lo pequeno.

Equipa do
Festival das Brétemas

silvia mella

“Fartas dos reportórios mais râncios, **liamo-la**”

ana viqueira
anaviqueira@novas.gal

Há cinco anos pessoas relacionadas com o ativismo e o 15-M juntárom-se na praça de Ponte Areias. Desse encontro sairia o Festival das Brêtemas, com o que trabalham a prol dumha visom cultural alternativa ao Corpus Christi da vila e a recuperaçom das histórias das pessoas silenciadas.

Realizades atividades todo o ano, mas o mês mais bretemoso é setembro, quando se celebra o Festival. A que se deve a escolha?
A razom fundamental é a coincidência com as festas do povo, e ofertar umha contra-programaçom à linha oficial e institucional: processons, bandas de música que tocam para a Igreja e orquestras que falam e cantam numha língua que nom é a nossa.
Fartas de escuitar polos auto-falantes colocados nas ruas, os reportórios mais râncios e espanholistas, fartas de programaçons que homenageiam a pessoas que nada tenhem à ver com os interesses culturais da maioria social da juventude mais crítica e consciente, decidimos lia-la no mês do Santo Miguel e a Virgem dos Remédios.

Qual é o critério para programar artistas?
Maioritariamente bandas galegas e em galego e nas que sempre haja presença feminina. Somos conscientes de que nom sempre foi assim, mas todos os nossos esforços vam encaminhados a esse fim.

Como fôrom respondendo as assistentes a estes cinco anos de Festival?
Podemos dizer bem orgulhosas que cada ano vai aumentando o aforo bretemoso. A resposta que está a ter a nível galego (e inclusive internacional) é muito alentadora.

As habitantes de Ponte Areias, que relaçom tenhem com o Festival?
Contrariamente ao que observamos no tocante ao crescente apoio externo, percebemos que a vizinhança de Ponte Areias é menos participativa à hora de acudir aos eventos bretemosos. Em troca, ultimamente fomos tecendo fortes vínculos com outras associaçons da vila e do Condado em geral com o fim de somar forças.

Qual credes que é o estado dos festivais galegos em comparaçom com outros países?
Ainda que nom temos muito contacto com festivais de fora da Galiza, sim vemos que cada vez há mais iniciativas festivaleiras que luitan pola visibilizaçom de artistas mulheres, lesbianas e trans, apostando por criar espaços livres de agressons machistas. Esse é um dos principais objetivos que perseguimos nas Brêtemas.

Cara a onde vam as bretemosas?
Cara a vitória! (gargalhadas) Nas resistências, nos laços que se criam entre as de abaixo, há muita força para fazer grandes projetos. Gostaríamos de crescer, com certeza, mas nom a qualquer preço. Para nós é fundamental a coerência com os valores que defendemos, especialmente a alegria.

Poderíades resumir a essência bretemosa numha frase?
Despeja a tua mente.

Grande

Mauricio Delito

1. O meu nome é Sue Ellen e vou-me apresentar às eleiçons. Sou umha personagem de série de TV da década de oitenta. A série mais vista da história da TV em todo o mundo. A mais influente. Virom-na nos sofás das suas casas os que agora som presidentes. Botavam gargalhadas grandes quando ouviam aquilo de “Sue Ellen, estás bêbeda”. Tam ufanos. Sei de que vai o mundo do espetáculo. Como se ganham eleiçons. Na série estivem casada com um homem de sorriso maléfico, magnate e amigo de magnates. O paradigma masculino da insolência. O perfeito fanfarrom: J.R.

2. O magnate nom é nem listo nem parvo. Sabe mentir, atraiçoar os amigos e gabar-se disso. Aparece num lugar com brincadeiras e pequenas pancadas nas costas das pessoas. Assim fai negócios. Vai a festas de sociedade, a entregas de prémios de meios de comunicaçom onde convidam a elite social e aos que aspiram a ela. Todas essas festas. Todas essas pessoas. Pessoas que procuram fazer-se ricas, poderosas e repugnantes em companhia: executivos comerciais, colunistas, banqueiros, aristocratas exilados com cara de porco. Podes conhecer a alma de todos através da alma de um só. Porque todos som a mesma cousa.

3. O pessoal é político. Soubem que o meu matrimonio com o magnate estava acabado quando começamos a ver a TV em quartos separados. Se ouvia que ele punha no mesmo canal do que eu estava a ver, mudava. Nom era quem de ter no mesmo canal se sabia que el estava a ver. Acho que a isso se lhe chama afastamento.

4. Remato a minha intervençom com umha informaçom íntima. Polas manhás costuma tomar café americano com um

(remata na página 31)